



MESTRADO EM PSICOLOGIA DA GRAVIDEZ E DA PARENTALIDADE

A PATERNIDADE NO SÉCULO XXI:
O ENVOLVIMENTO PATERNO NUMA AMOSTRA DE
PAIS DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR

Rita Maria Correia da Silva Simões

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob orientação da Professora Doutora Isabel Leal, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Gravidez e da Parentalidade conforme a Portaria nº 842/05 de 19 de Setembro para dar satisfação à alínea b) do nº 2 do artigo 5º do Decreto-Lei nº 216/92 de 13 de Outubro.

AGRADECIMENTOS

A todos os pais que se disponibilizaram para colaborar na realização da presente investigação, sem os quais este trabalho não seria possível.

Às escolas, direcções pedagógicas e equipas educativas, que possibilitaram a recolha da amostra e se mostraram sempre disponíveis para todos os contactos necessários. Um agradecimento muito especial a: professora Carla Carvalho (Escola Básica do 1º Ciclo Nº 2 de Carcavelos), professora Sandra Simões (Escola Básica do 1º Ciclo Nº 1 de Sassoeiros), Dra. Fátima Jerónimo e Dra. Margarida Barata (Escola Primária Nova Apostólica) e Dra. Cláudia Ruivo (Colégio Portugal).

À Prof.^a Dr.^a Isabel Leal, pela orientação e supervisão de excelência durante a preparação e realização deste trabalho. Por todo o apoio e estímulo sempre presentes neste último ano.

Ao Prof. Dr. João Maroco, pela inextinguível disponibilidade e orientação na análise estatística dos resultados.

Aos que amo, pela presença, pela tolerância e pelo apoio fundamental para que seja possível crescer e concretizar projectos (e sonhar com muitos outros).

ÍNDICE

Introdução	1
I. Enquadramento conceptual	3
1. A paternidade no século XXI: Antecedentes e estado actual do conhecimento	3
2. O envolvimento paterno como domínio central nos estudos sobre a paternidade	7
3. Diferenças entre pais e mães na prestação de cuidados infantis: O que mostram os estudos	10
4. Variabilidade interindividual no desempenho dos papéis paternos: As crenças e os valores associados à paternidade	11
5. Envolvimento paterno como constructo multideterminado	15
6. Variáveis com influência no envolvimento paterno: características sócio-demográficas, pessoais e da relação conjugal	16
II. Objectivos	23
III. Metodologia	24
1. Desenho da investigação	24
2. Participantes	24
3. Material	26
3.1. Validação da escala de envolvimento paterno	27
4. Procedimentos de investigação	32
5. Procedimentos estatísticos	33
IV. Resultados	35
1. Grau de envolvimento paterno na amostra total	35
2. Factores de variabilidade interindividual no envolvimento paterno	38
3. Associação entre o envolvimento paterno e factores pessoais e relacionais	41
V. Discussão	43
VI. Conclusões	48
Referências Bibliográficas	51
Anexos	57

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Informação entregue aos pais sobre a investigação	58
Anexo 2. Questionário sócio-demográfico	59
Anexo 3. Escala de envolvimento paterno	61
Anexo 4. Escala de satisfação parental	63
Anexo 5. Escala de stress parental	64
Anexo 6. Escala de ajustamento diádico	65
 <i>Outputs SPSS</i>	
Anexo 7. Caracterização da amostra do estudo	68
Anexo 8. Caracterização da amostra de validação	70
Anexo 9. Validação da Escala de Envolvimento Paterno (sensibilidade, validade factorial e fiabilidade)	72
Anexo 10. Resultados obtidos na Escala de Envolvimento Paterno e respectivas subescalas	79
Anexo 11. Análise do envolvimento paterno em função da idade dos pais	80
Anexo 12. Análise do envolvimento paterno em função das habilitações literárias	82
Anexo 13. Análise do envolvimento paterno em função do nível sócio-económico	85
Anexo 14. Análise do envolvimento paterno em função do número de filhos	87
Anexo 15. Resultados obtidos nas restantes escalas e respectivas subescalas	89
Anexo 16. Análise correlacional entre o envolvimento paterno e a satisfação parental, o stress parental e o ajustamento diádico	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Características sócio-demográficas dos participantes	25
Quadro 2. Características sócio-demográficas da amostra para validação da escala de envolvimento paterno	28
Quadro 3. Pesos factoriais dos itens da Escala de Envolvimento Paterno, <i>eigenvalues</i> , percentagem da variância explicada e consistência interna das sub-escalas definidas pelos 4 factores extraídos por análise factorial exploratória com rotação varimax.	30
Quadro 4. Valores mínimos e máximos, médias e desvio-padrão da Escala de Envolvimento Paterno	35
Quadro 5. Valores modais e respectiva percentagem dos itens da EEP, organizados por subescalas	36
Quadro 6. Percentagem de tempo atribuída a cada figura cuidadora (médias e desvio-padrão)	38
Quadro 7. Envolvimento paterno em função da idade dos pais (Valores médios, desvio-padrão e ANOVA)	39
Quadro 8. Envolvimento paterno em função das habilitações literárias (Valores médios, desvio-padrão e ANOVA)	39
Quadro 9. Envolvimento paterno em função do nível sócio-económico (Valores médios, desvio-padrão e ANOVA)	40
Quadro 10. Envolvimento paterno em função do número de filhos (Valores médios, desvio-padrão e ANOVA)	40
Quadro 11. Valores mínimos e máximos, médias e desvio-padrão das escalas ESP, EStP e EAD	41
Quadro 12. Valores correlacionais entre envolvimento paterno e satisfação parental, stress parental e ajustamento diádico (PEARSON)	42

RESUMO

O objectivo do presente estudo foi avaliar o grau de envolvimento paterno em pais portugueses de crianças em idade escolar (1º ciclo), a partir de uma avaliação multidimensional que compreende as seguintes componentes: *Cuidados*, *Disponibilidade*, *Presença* e *Disciplina*. Foram identificadas algumas variáveis individuais (idade, escolaridade, nível sócio-económico e número de filhos), com vista a explorar possíveis factores de variabilidade interindividual. Simultaneamente, este estudo pretendeu ainda explorar a associação do envolvimento paterno um conjunto de factores relevantes identificados na literatura: satisfação parental, stress parental e ajustamento conjugal.

A amostra é constituída por 145 pais casados, com idades compreendidas entre os 28 e os 59 anos ($M=40,14$), a maioria dos quais com um nível de escolaridade secundário e superior e um nível socioeconómico médio. A recolha de dados foi realizada com base na aplicação de questionários de auto-resposta, juntamente com um questionário para caracterização sócio-demográfica dos participantes.

Os principais resultados apontam um grau relativamente elevado de envolvimento paterno, sobretudo nas dimensões *Cuidados* e *Disponibilidade*, embora em termos relativos os relatos paternos indiquem uma maior percentagem de tempo atribuída às mães como principais figuras cuidadoras da criança. Não foram encontradas diferenças significativas entre os pais em função das variáveis individuais estudadas. Contudo, foi encontrada uma associação negativa moderada entre o envolvimento paterno e o stress parental, bem como uma associação positiva igualmente moderada entre o envolvimento e o ajustamento diádico, o que vai ao encontro de outros estudos realizados nesta área.

Palavras-chave: Envolvimento paterno, multidimensionalidade, satisfação parental, stress parental, ajustamento conjugal.

ABSTRACT

The purpose of this study was to evaluate the degree of paternal involvement in Portuguese parents of school-age children (primary school), from a multidimensional evaluation that includes the following components: *Care*, *Availability*, *Presence* and *Discipline*. Some individual variables were identified (age, education, socio-economic and number of children), in order to explore possible factors of interindividual variability. Simultaneously, this study also sought to explore the association of father involvement to a number of relevant factors identified in the literature: parental satisfaction, parental stress and marital adjustment.

The sample consists of 145 married fathers aged between 28 and 59 years ($M = 40.14$), most of them with a secondary and higher level of education and a middle socio-economic level. Data collection was based on self-report assessment scales, along with a questionnaire for socio-demographic characterization of participants.

The main results point to a relatively high degree of paternal involvement, particularly in the dimensions *Care* and *Availability*, although in relative terms the father's reports indicate a higher percentage of time given to mothers as primary caregivers of children. There were no significant differences between the fathers depending on the individual variables studied. However, we found a moderate negative association between father involvement and parental stress, and also a moderate positive association between father involvement and dyadic adjustment, which is consistent with other studies in this area.

Key-words: Paternal involvement, multidimensionality, parental satisfaction, parental stress, marital adjustment.

“Once upon a time, parenting was a seemingly simple thing: Mothers mothered. Fathers fathered. Today, parenting is recognized to have many motives, many meanings, and many manifestations. (...) The ‘perfect’ mother or father or family is a figment of past imagination” (Bornstein, 2005, p.314)

Introdução

A paternidade tem-se tornado um foco importante de preocupação e debate públicos nos últimos anos e tem sido progressivamente objecto de iniciativas políticas que procuram encorajar a participação paterna na vida familiar (Robb, 2004), como é exemplo mais recente no nosso país a aprovação da nova Lei da Parentalidade (Decreto-Lei nº 91/2009, de 9 de Abril), cujas alterações procuram criar condições para uma maior igualdade e partilha de responsabilidades entre pais e mães.

Promover a proximidade e o envolvimento dos pais na vida dos filhos, bem como estimular a compreensão sobre a complementaridade dos papéis e funções de pais e mães no desenvolvimento infantil, têm sido objectivos comuns dos vários profissionais que trabalham com as famílias, nas áreas da saúde, da educação e da intervenção social.

De acordo com Robb (2004), é hoje fundamental que tais práticas e iniciativas políticas estejam informadas sobre o estado actual do conhecimento científico acerca das experiências de paternidade da população, sobretudo numa altura em que se observam mudanças consideráveis quer ao nível das representações e valores, como ao nível das dinâmicas familiares. Com efeito, quando falamos em paternidade não nos referimos a uma categoria fixa e invariante, mas antes a uma noção ou constructo cujos significados associados variam de acordo com o período histórico, os contextos e as famílias (Marks & Palkovitz, 2004; Matta & Knudson-Martin, 2006; Palkovitz & Palm, 2009), sendo provável que a categoria “Pai” diga hoje respeito a um grupo complexo e bastante diverso de homens na família, tanto ao nível das práticas parentais observadas, como em termos das representações internas e identidades pessoais que alicerçam essas práticas (Day & Lamb, 2004).

Contudo, observa-se que o conhecimento acerca das vivências e facetas da paternidade é ainda muito incipiente, estando os pais bastante sub-representados no campo empírico actual, numa área tradicionalmente dominada pelos estudos sobre a maternidade e

a relação mãe-criança (Ford, Nalbone, Wetchler & Sutton, 2008; Matta & Knudson-Martin, 2006; Phares, Field, Kamboukos & Lopez, 2005; Robb, 2004). Apesar da crescente notoriedade atribuída ao papel do pai na vida familiar, existe ainda muito pouca informação sólida e reflexão aprofundada acerca da diversidade dos comportamentos paternos observados na população (Bornstein, 2005), sobretudo devido à escassez de investigações que tomem como referencial isolado os próprios pais. Recorrer aos pais como principais respondentes, nomeadamente em estudos que explorem as suas formas de participação e de envolvimento nos cuidados e na educação dos filhos, é ainda um procedimento pouco frequente, que tem impedido um conhecimento contextualizado e sólido acerca da(s) realidade(s) existente(s), o que julgamos ser um dos principais défices no âmbito da implementação de intervenções e iniciativas promotoras de “melhores” parentalidades, mais igualitárias e responsáveis. A nível nacional, persiste um grande desconhecimento sobre os papéis paternos exercidos pela população portuguesa, que nos permita perceber de que forma estão os pais presentes e envolvidos nos cuidados e na educação dos seus filhos.

É com base neste panorama actual que julgamos residir a pertinência do trabalho de investigação levado a cabo, o qual procurou avaliar o grau de envolvimento paterno numa amostra de pais de crianças em idade escolar, explorando diferentes componentes de envolvimento e procurando identificar factores de variabilidade interindividual, bem como avaliar a sua associação a algumas características pessoais e relacionais.

Deste modo, apresenta-se a seguir o resultado desse projecto de investigação, organizado em duas partes principais. Numa primeira parte, é apresentado o enquadramento conceptual que guiou a investigação, dando a conhecer o estado da arte sobre a temática da paternidade e do envolvimento paterno, e fazendo a revisão dos estudos recentes mais relevantes para as variáveis que nos propusemos estudar. Após esta revisão da literatura, são apresentados os objectivos gerais e questões de investigação que nortearam o estudo. A segunda parte deste trabalho diz respeito à apresentação da amostra e descrição da investigação, sendo referidos os procedimentos metodológicos e instrumentos de avaliação utilizados na amostra recolhida, seguida da apresentação e análise dos resultados. Finalmente, o último capítulo engloba a discussão dos resultados, a reflexão sobre as principais conclusões alcançadas e a sugestão de questões pertinentes para pesquisas futuras.

I. Enquadramento Conceptual

1. A paternidade no século XXI: Antecedentes e estado actual do conhecimento

Nos últimos 30 anos, o interesse público e profissional acerca da paternidade e dos papéis desempenhados pelos pais na vida familiar cresceu de forma extraordinária (Lima, 2008; Marks & Palkowitz, 2004; Palkowitz, 2007; Seward & Richter, 2008), correspondendo ao que Lamb (1987) designou como a “era do redescobrimto paterno”. Esta nova era é marcada pela emergência de um novo ideal de paternidade, caracterizado por uma maior participação e envolvimento nos cuidados e educação dos filhos, onde a dimensão afectiva e reguladora do papel paterno surge lado a lado com uma dimensão mais tradicional de suporte instrumental e financeiro no funcionamento familiar (Arendell, 1996; Lamb, 1987, 1992; Marks & Palkowitz, 2004; Schoppe-Sullivan, McBride & Ho, 2004). Este ideal ainda recente de um “novo pai” encontra-se alicerçado numa série de mudanças tanto ao nível das práticas sociais como das representações e crenças associadas ao papel paterno, que várias áreas científicas têm tentado analisar e compreender à luz das transformações mais vastas ocorridas no âmbito da família (Seward & Richter).

Ao nível da psicologia, uma revisão dos estudos efectuados no domínio da família e da parentalidade permite-nos perceber que a disciplina da psicologia do desenvolvimento é a que mais tem contribuído para a evolução do conhecimento sobre a paternidade (Camus & Frascarolo, 2003), embora seguindo diferentes tendências metodológicas ao longo dos tempos, que importa analisar. De acordo com Phares (1992), até meados dos anos 70 os pais não eram em regra incluídos nos estudos sobre o desenvolvimento infantil, uma vez que a norma cultural ditava que o papel paterno se resumia ao suporte económico da família, sendo considerado pouco masculino o homem envolver-se nos cuidados infantis, domínio exclusivamente atribuído às mães. Em consonância, a grande maioria das teorias sobre o desenvolvimento infantil considerava as mães como principais figuras de influência sobre a criança, dada a sua presença constante como cuidadoras, supondo-se que as relações pai-filhos tinham um impacto mínimo no desenvolvimento infantil. Exemplos deste tipo de teorias incluem a teoria freudiana, a teoria das relações objectais ou a teoria da vinculação, cujas formulações nos permitem perceber que o pai foi durante muito tempo

o “progenitor esquecido”, ou quanto muito relegado para o papel de “segundo objecto” ou “primeiro estranho” nas abordagens psicanalíticas (Gomez, 2005; Lamb, 1975, cit. por Phares, 1992; Liebman & Abell, 2000; Pedersen, 1985).

Ironicamente, os primeiros estudos realizados em larga escala acerca do papel do pai no desenvolvimento infantil e adolescente investigaram as famílias onde o pai estava ausente, seguindo o que Fitzgerald, Mann e Barratt (1999) designaram como “abordagem do défice”. Comparando o desenvolvimento de crianças educadas com e sem pai, estes estudos procuraram avaliar, por um processo de subtracção, qual a influência típica da figura paterna (para uma revisão ver Lamb, 1987, 1992), levando inicialmente à suposição de que a ausência do pai estava associada a um aumento de perturbações de personalidade, delinquência e confusão na identidade sexual, bem como a um menor funcionamento intelectual e desempenho académico (Phares, 1992). Contudo, investigações adicionais rapidamente puseram em causa a validade destas conclusões, associando os problemas de desenvolvimento da criança e do adolescente não à ausência específica do pai, mas antes ao stress adicional presente em famílias com apenas um progenitor, dada a sobrecarga física, económica e emocional para o funcionamento familiar e cuidados das crianças (Lamb, 1992; Phares, 1992)

Do corpo empírico que, de forma mais sistemática, começa a surgir a partir de meados da década de 70 sobre o impacto da figura paterna no desenvolvimento da criança, não deixa também de ser irónico observar que, na sua grande maioria, os estudos iniciais foram realizados recorrendo sobretudo às mães como principais respondentes, sendo a paternidade avaliada a partir de informações “em segunda mão” (Fitzgerald et al., 1999; Mitchell, See, Tarkow, Cabrera, McFadden & Shannon, 2007). Uma tal tendência metodológica pode ser explicada à luz de vários factores, entre eles a crença de que são as mães os agentes mais importantes no desenvolvimento da criança e quem melhor conhece o que ocorre no seio da família, bem como a suposição de que os homens estão menos disponíveis e são mais difíceis de atrair para participar em investigações (Gomez, 2005; Phares, 1992). Por outro lado, apesar de serem os pais o objecto de pesquisa, as teorias que enquadram grande parte destas investigações são ainda teorias “matricentradas”, originalmente criadas para estudar o relacionamento das mães com os seus filhos (Ford, Nalbone, Wetchler & Sutton, 2008; Roggman, Fitzgerald, Bradley & Raikes, 2002), o que coloca desde logo a questão de saber se determinadas conceptualizações referentes à díade mãe-criança poderão ser directamente transferíveis para a díade pai-criança, ou se esta

relação apresenta especificidades que a distinguem da relação materna (Klitzing, Simoni, Amsler & Bürgin, 1999).

Com efeito, a inclusão dos pais nas investigações sobre o desenvolvimento infantil veio mostrar a inadequação das teorias iniciais acerca do papel dos pais (Phares, 1992) e, sobretudo à medida que nos vamos aproximando do final do século XX, as intensas mudanças sociais ocorridas nas sociedades ocidentais começam a forçar ajustamentos e reformulações das conceptualizações tradicionais sobre os pais, as mães e as famílias, com impacto no tipo de investigações realizadas. A crescente participação da mulher na vida profissional, com o conseqüente aumento de famílias em que ambos os progenitores trabalham fora de casa, é talvez uma das mudanças sociais que de forma mais revolucionária deu origem a novos olhares sobre a família e o papel desempenhado por pais e mães nos cuidados e educação dos filhos (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000). Se, por um lado, o homem perde a exclusividade da sua função de provedor económico na família, por outro lado, a menor disponibilidade da mulher para assumir inteiramente as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos, bem como a proliferação de novas ideologias caracterizadas pela igualdade de género, alicerçam a emergência de novos valores culturais e expectativas associadas ao papel do homem na família, nomeadamente ao nível da paternidade. Esta nova perspectiva marca a transição de uma imagem do pai enquanto figura de suporte económico, disciplinadora e distante dos cuidados infantis, para uma nova imagem marcada pela crescente participação em todas as dimensões de cuidados e educação dos filhos (Balacho, 2004; Lamb, 1987, 1992).

Mais uma vez, serão as investigações na área da psicologia do desenvolvimento as que mais contribuirão para o aumento do conhecimento científico neste domínio, procurando aprofundar a definição do papel do pai e determinar as semelhanças e diferenças entre o comportamento materno e paterno (Schoppe-Sullivan et al., 2004). De uma forma geral, os estudos vêm demonstrar que, tal como as mães, os pais influenciam de forma decisiva o desenvolvimento global dos seus filhos, quando se assumem como cuidadores implicados e activos (para revisões dos estudos ver Cabrera et al., 2000 e Parke, 2002). Adicionalmente, mostram que existem enormes semelhanças na forma como mães e pais interagem com os filhos, bem como iguais competências nos cuidados directos às crianças desde a 1ª infância, sempre que são possibilitadas oportunidades de prática desses cuidados (Parke, 2002; Tamis-LeMonda, 2004), o que contrasta com a crença passadista num “instinto materno” e conduz à evidência de que os papéis parentais tradicionais não

são inerentes ao sexo dos progenitores mas antes um produto do sistema cultural e da estrutura familiar tradicional (Gomez, 2005).

Fruto da evolução observada no campo do conhecimento científico e dos valores culturais, espera-se hoje que os pais estejam envolvidos de forma mais activa na vida familiar e nos cuidados às crianças do que os seus predecessores, o que vai ao encontro dos desejos sentidos por um número cada vez maior de homens, registando-se aumentos na sua participação média nos cuidados infantis, maior satisfação com a paternidade e sentido de competência parental, e sendo também crescente, em alguns países, o número de pais que são os principais prestadores de cuidados à criança e os que assumem (ou desejam assumir) a guarda total ou partilhada dos filhos em situações de divórcio (Hwang & Lamb, 1997; Gomez, 2005; Lima, 2008). De acordo com Rouyer, Frascarolo, Zaouche-Gaudron e Lavanchy (2007), actualmente já não faz sentido atribuir ao pai um papel específico na vida familiar, dada a cada vez maior flexibilidade dos papéis maternos e paternos. Em consonância com esta noção, surge cada vez mais divulgado o ideal da *co-parentalidade*, em que ambos os progenitores partilham tarefas e responsabilidades em todas as dimensões da vida familiar e dos cuidados infantis de forma igualitária, assumindo papéis parentais independentes do género (Cabrera et al., 2000; Deutsch, 2001). Contudo, apesar dos valores, crenças e expectativas em mudança acerca do que homens e mulheres devem fazer no contexto da família, observa-se que os modelos co-parentais são ainda fenómenos raros, apontando para a grande distância entre o domínio das representações e o das práticas (Arendell, 1996).

As investigações mostram que, embora a maioria dos pais esteja hoje mais envolvida com os seus filhos do que os pais de gerações anteriores, mesmo os casais que se baseiam em princípios igualitários revertem frequentemente para uma divisão estereotipada das tarefas e responsabilidades com o nascimento do primeiro filho (Deutsch, 2001; Hwang & Lamb, 1997; Matta & Knudson, 2006). Embora os “novos pais” estejam mais disponíveis para mudar fraldas, cuidar das suas crianças e envolver-se no trabalho doméstico, as mulheres continuam a realizar pelo menos o dobro das rotinas domésticas do que os homens (Marks & Palkowitz, 2004), que assumem sobretudo um papel de suporte e ajuda quando é necessário (Balacho, 2004; Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008). Relativamente à população portuguesa, Amâncio e Wall (2004) destacam a persistente diferenciação dos papéis de género no seio da família, verificando-se ainda uma acentuada assimetria ao nível da divisão das tarefas domésticas, das quais os homens estão praticamente ausentes, e continuando a observar-se a fusão da feminilidade com a

maternidade e a família, apesar de Portugal deter um forte índice de participação feminina no mercado de trabalho. No conjunto, estes dados indicam-nos que este tem sido um processo de mudança lento e mais modesto do que os discursos da opinião pública poderiam fazer supor, sendo ainda em maior número as famílias que se regem por uma lógica de funcionamento que reserva às mães a maior fatia dos cuidados infantis e aos pais a função de “ajudantes” familiares especializados.

2. O envolvimento paterno como domínio central nos estudos sobre a paternidade

Um dos domínios-chave na investigação sobre a paternidade diz respeito ao *envolvimento paterno* nos cuidados diários à criança, considerado como um componente central dos papéis desempenhados pelos pais, registando-se um esforço crescente no sentido de construir modelos conceptuais que visem a identificação da sua natureza, dos seus determinantes e dos efeitos ou consequências no desenvolvimento infantil (Camus & Frascarolo, 2003; Featherstone, 2004; Marks & Palkowitz, 2004; Matta & Knudson-Martin, 2006; Palkowitz, 2007).

O conceito de envolvimento paterno tem sido definido quer em termos do tempo passado em interacção com a criança, quer em termos da qualidade dessa relação (Adamsons, O'Brien & Pasley, 2007), tendo surgido como objecto privilegiado de pesquisa sobretudo a partir dos anos 80, em virtude de uma série de preocupações sociais e académicas relacionadas com a “suficiência” dos cuidados paternos recebidos pelas crianças e com a contribuição real dos pais para a redução das sobrecargas associadas aos cuidados infantis desempenhados pelas mães em modelos familiares de dupla-carreira (Pleck & Masciadrelli, 2004).

Embora os estudos iniciais se tenham focado na quantidade de tempo passado pelo pai em interacção directa com a criança, é hoje cada vez mais defendida a necessidade de conceptualizações mais abrangentes e multidimensionais, na medida em que é reconhecido que a mera presença ou contacto do pai é insuficiente e que nem todo o envolvimento beneficia a criança de igual forma (Adamsons et al., 2007; Cabrera et al., 2000; NICHD, 2000; Schoppe-Sullivan et al., 2004). Um dos modelos multidimensionais mais utilizado pelos investigadores é o modelo proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1987; ver

também Lamb, 1987, 1992) e que permite distinguir entre três componentes distintas do envolvimento paterno:

- a) *Interação directa*: o tempo passado em contacto directo, nos cuidados ou em interacção efectiva com a criança (e.g., alimentá-la, brincar com ela, ajudá-la nos trabalhos escolares);
- b) *Acessibilidade*: o tempo passado em actividades que envolvem graus menos intensos de interacção, mas que pressupõem a presença e disponibilidade do pai para a criança (e.g., estar a cozinhar enquanto a criança brinca numa divisão próxima ou ao pé de si);
- c) *Responsabilidade*: refere-se à medida em que o pai assume a responsabilidade por tarefas essenciais ao bem-estar, cuidados e segurança da criança e pode ser ilustrada pela diferença entre ser responsável pelos cuidados à criança e estar disponível para “ajudar” quando é conveniente (e.g., saber quando a criança tem de ir ao pediatra, tratar dos arranjos necessários à consulta e acompanhá-la, ficar em casa a tomar conta dela quando está doente ou providenciar a sua vigilância por outra pessoa, garantir que a criança tem roupas para vestir).

Neste modelo, a componente de *interacção* representa o tipo mais restritivo de envolvimento (Lamb, 1987, 1992), embora seja o que mais tem sido avaliado pelo conjunto de estudos nesta área, reflectindo um pressuposto comum de que a influência parental ocorre directamente através do contacto face-a-face ou indirectamente através do impacto da interacção nouro elemento familiar (Davis & Perkins, 1996; Parke, 2002). De forma similar, a componente da *acessibilidade* também tem sido avaliada, mas sobretudo através de investigações sobre a ausência paterna em situações de divórcio ou monoparentalidade, sendo um aspecto pouco explorado em estudos com famílias biparentais (Parke, 2002). A componente da *responsabilidade* aparece como objecto de estudo apenas em investigações mais recentes, sendo a que apresenta maiores dificuldades de definição e quantificação (Lamb, 1987, 1992; Parke, 2002). Com efeito, Lamb (1987, 1992) refere que muito do tempo envolvido em ser um pai responsável não é passado em interacção directa com a criança, ao mesmo tempo que a ansiedade, a preocupação e o planeamento que acompanham a responsabilidade parental ocorrem frequentemente quando o pai está envolvido noutras tarefas, o que torna difícil uma possível quantificação para efeitos de investigação. No entanto, esta é talvez a componente mais importante do

envolvimento paterno (Lamb, 1987, 1992; Cabrera et al., 2000), na medida em que reflecte a extensão em que o pai participa e se assume como protagonista activo na organização dos cuidados e supervisão da criança, e não apenas como elemento presente e disponível para a interacção.

Este modelo tem sido influente na orientação da investigação sobre a paternidade, emergindo como uma das definições mais aceites de envolvimento paterno (Brown, McBride, Shin & Bost, 2007; Jacobs & Kelley, 2006). No entanto, mais recentemente, alguns investigadores têm proposto reformulações complementares com vista a uma maior abrangência do conceito ao leque alargado das actividades e papéis desempenhados pelos pais, bem como a uma avaliação mais aprofundada da contribuição paterna na dinâmica familiar. Por exemplo, a conceptualização de Palkovitz (2002, cit. por Cabrera, Fitzgerald, Bradley & Roggman, 2007) acrescenta ao modelo de Lamb três dimensões de análise interrelacionadas, entendendo o envolvimento paterno como uma resposta às necessidades de desenvolvimento *cognitivo*, *afectivo* e *comportamental* dos outros elementos da família, que devem ser compreendidas a partir de uma perspectiva dinâmica e desenvolvimental (Palkowitz, 2007). Por outro lado, Radin (1994) alerta para a necessidade de diferenciação entre *envolvimento absoluto*, que considera apenas o pai, sem referência a outro membro familiar (e.g., o número de horas que o pai passa sozinho com a criança) e *envolvimento relativo*, que resulta da comparação entre as duas figuras cuidadoras (e.g., percentagem de tempo que cada despense no desempenho de uma função específica). De acordo com a autora, poderão surgir imagens muito diferentes acerca do envolvimento paterno em função da perspectiva tomada, o que vai no sentido dos estudos que mostram que, apesar do pai actual se envolver mais com as suas crianças (em termos absolutos), este envolvimento continua a ser bastante inferior em relação ao envolvimento das mães. Este aspecto será desenvolvido de forma mais aprofundada no capítulo seguinte.

Por último, estudos recentes têm defendido uma re-conceptualização deste constructo como *envolvimento paterno positivo* (Cabrera et al., 2000), acompanhando a tendência das investigações em incorporar cada vez mais as características qualitativas das interacções e cuidados paternos. Com efeito, embora seja importante avaliar a quantidade de tempo que pais e crianças passam juntos, é provavelmente muito mais importante perceber *o que fazem* com esse tempo, na medida em que não existe nenhuma evidência que associe a quantidade de envolvimento paterno a efeitos desejáveis em termos do desenvolvimento da criança (Brown et al., 2007; Cabrera et al., 2000; Phares, 1992)

3. Diferenças entre pais e mães na prestação de cuidados infantis: O que mostram os estudos

De uma forma geral, as investigações acerca do envolvimento de pais e mães em actividades relacionadas com os cuidados e educação dos filhos evidenciam um aumento do envolvimento paterno em determinadas áreas, tais como os cuidados infantis e o relacionamento emocional, ao mesmo tempo que mostram uma importante ausência em tarefas menos gratificantes, como as actividades domésticas, que permanecem reservadas às mães (Rouyer et al., 2007). Contudo, mesmo nas áreas em que os pais tendem a estar cada vez mais envolvidos, diferenças importantes têm sido relatadas pelos estudos que comparam os papéis paternos e maternos. Com efeito, os dados provenientes de várias investigações sugerem que mães e pais se envolvem em diferentes tipos de interacção com as crianças, sendo as interacções maternas dominadas pelas tarefas práticas de cuidado enquanto as tarefas de socialização e de lazer, mais flexíveis em termos de rotinas e de horários, são a componente mais saliente das interacções dos pais com os filhos (Finley, Mira & Schwartz, 2008; Lamb, 1987, 1992; Lewis & Lamb, 2003; Monteiro et al., 2008; Parke, 2002). Tal não significa que pais e mães detenham diferentes competências nos cuidados infantis. O que geralmente acontece, contudo, é que são as mães quem desempenha com maior frequência a parte prática dos cuidados, tornando-se por essa razão mais sensíveis às características e necessidades das crianças. Em virtude da menor experiência nas tarefas práticas, os pais tendem a sentir-se menos competentes e sensíveis nesta área, cedendo a responsabilidade às mães, o que acaba por contribuir para a manutenção das diferenças na prestação de cuidados (Lamb, 1987, 1992).

Desta forma, ainda que os homens pertencentes a modelos familiares de dupla-carreira tenham aumentado gradualmente o seu envolvimento, sobretudo em termos da interacção e da acessibilidade à criança, são as mães quem continua a despender mais tempo na interacção com os filhos, mantendo-se esta discrepância sobretudo ao nível da responsabilidade pelas questões relacionadas com os cuidados e a educação (Jacobs & Kelley, 2006; Lamb et al., 1987; Lima, 2008; Parke, 2002). Numa amostra de pais e mães portugueses de crianças em idade pré-escolar, Lima (2008) observou diferenças no tempo de envolvimento do pai durante a semana e o fim-de-semana, concluindo que este está claramente mais disponível para os filhos ao fim-de-semana, sobretudo na componente de interacção com a criança, tal como descrita no modelo de Lamb et al., 1987. Alcançando

resultados semelhantes, Yeung, Sandberg, Davis-Kean e Hofferth (2001) reportam que são as mães as principais cuidadoras das crianças durante a semana, tornando-se os pais parceiros mais igualitários apenas aos fins-de-semana. No conjunto, estes resultados mostram que a imagem cultural da mulher como primeira prestadora de cuidados e do homem como figura secundária ou apenas como companheiro de brincadeira continua ainda bastante enraizada na sociedade ocidental, sobretudo quanto menor a idade da criança (Davis & Perkins, 1996; Gomez, 2005).

De acordo com Deutsch (2001), a parentalidade é construída através da acumulação de decisões e acções que constituem a vida diária dos pais, tornando-se estes iguais ou desiguais em função da forma como lidam com os *detalhes*: quem muda as fraldas à criança, quem faz o pequeno-almoço, quem fica em casa quando ela está doente, quem a ensina a andar de bicicleta, etc. Neste processo de negociação e organização familiar, nada é automático e a vida familiar tem de ser entendida à luz do ecossistema mais vasto a que pertence, do qual fazem parte imagens culturais de maternidade e paternidade, preconceitos de género nos padrões de trabalho e desempenho dos cuidados infantis, bem como interacções sociais que reforçam muitas vezes a ideia de que é suposto que pais e mães se comportem de forma diferente. Todos estes factores, embora não sendo deterministas, constroem e definem o contexto no qual pais e mães planeiam a organização da sua vida, tornando muitas vezes difícil o empreendimento de um projecto de co-parentalidade numa sociedade onde se misturam discursos a favor da igualdade parental com mitos acerca da “superioridade materna” na gestão e manutenção da vida familiar.

4. Variabilidade interindividual no desempenho dos papéis paternos: As crenças e os valores associados à paternidade

Embora muitos homens procurem uma relação com os filhos caracterizada pela maior participação nos cuidados e intimidade do que vivenciaram na relação com os seus próprios pais, um número significativo de pais ausentes e não envolvidos continua a não assumir responsabilidade pelos seus filhos (Bouchard, Lee, Asgary & Pelletier, 2007), observando-se a este respeito uma enorme variabilidade interindividual na população masculina (Henley & Pasley, 2005; NICHD, 2000). A compreensão desta realidade obriga a um olhar abrangente acerca do fenómeno da paternidade, quer em termos da análise dos

comportamentos e papéis paternos, quer em termos do estudo das representações e valores que a paternidade assume para os homens.

Antes de mais, a atenção dada a uma determinada dimensão da paternidade não pode levar-nos a subvalorizar ou negligenciar a multiplicidade de papéis e funções que os pais exercem no sistema familiar. Com efeito, os pais são cuidadores, maridos, modelos, orientadores morais, companheiros de brincadeira, professores e provedores económicos, razão pela qual ser pai activamente tem de ser visto no contexto de muitas outras coisas que os pais fazem pelos filhos, sendo o resultado da avaliação individual sobre o equilíbrio entre requisitos e recursos e da importância relativa que cada pai atribui aos vários papéis que desempenha (Lamb, 1992; Marks & Palkovitz, 2004; Tamis-LeMonda, 2004). Como exemplo, Marks e Palkovitz (2004) referem que o papel de provedor económico, componente principal do “pai tradicional” e secundarizada em função da entrada da mulher no mercado de trabalho, não deve, no entanto, ser visto como oposto ao envolvimento paterno, mas sim como uma componente desse envolvimento que é essencial, na medida em que, mesmo quando ambos os pais trabalham, a função de suporte económico continua a assumir uma importante saliência na avaliação que os pais fazem de si próprios, e de resto também a própria sociedade.

Os homens envolvem-se com os seus filhos por razões muito diferentes e algumas investigações atribuem o envolvimento paterno ao aumento da participação da mulher no mercado de trabalho (Bouchard et al., 2007; Jacobs & Kelley, 2006). Visto desta forma, as actividades paternas de cuidados e educação surgem predominantemente como forma de compensar a menor disponibilidade das mães e não tanto em função de um desejo pessoal de assumir um protagonismo mais activo na vida dos filhos. Contudo, outros estudos salientam que, para muitos homens, o envolvimento paterno pode reflectir uma mudança nas crenças e nos valores internos associados ao que é “ser homem” e “ser pai” (Bonney, Kelley & Levant, 1999; Jacobs & Kelley, 2006).

A teoria da identidade (Stryker, 2007) tem sido utilizada para explicar tanto os níveis como as formas de envolvimento paterno, com base na análise dos significados e importância que os homens atribuem à paternidade (Bouchard et al., 2007; Henley & Pasley, 2005). De acordo com esta abordagem, a identidade é definida como um conjunto internalizado de expectativas de papel, sendo através das interacções sociais que os vários estatutos (e.g., pai, marido) e papéis (e.g., cuidador, provedor económico) adquirem um significado. Dos significados atribuídos aos papéis particulares resulta a construção de identidades ou auto-cognições, que subseqüentemente irão guiar os comportamentos de

cada indivíduo (Henley & Pasley, 2005; Stryker, 2007). Deste modo, podemos então conceptualizar a identidade paterna como as auto-percepções e expectativas relacionadas com a forma como devem ser desempenhados os diferentes papéis associados ao estatuto de pai, o que terá um impacto determinante na valorização e investimento da paternidade e nos comportamentos face aos filhos.

Com efeito, num estudo com 279 pais (casados e divorciados), Henley e Pasley (2005) concluíram que o investimento na identidade paterna está positivamente associado ao envolvimento nas actividades relacionadas com os cuidados e educação das crianças, demonstrando que os significados que os pais atribuem a si próprios enquanto pais têm uma importância fundamental na compreensão dos seus comportamentos. De forma semelhante, Bouchard et al. (2007) estudaram as motivações inerentes ao envolvimento paterno, com base no pressuposto de que a compreensão da regulação do comportamento deve incluir uma análise das origens desse processo, distinguindo entre origens relacionadas com o self (*motivação intrínseca*) e origens relacionadas com forças ou pressões externas (*motivação extrínseca*). Neste estudo, os autores concluíram que os pais avaliam o seu envolvimento em diferentes actividades de cuidados como um resultado do facto de as valorizarem (*auto-determinação*) e não de se sentirem coagidos a desempenhá-las. Adicionalmente, os pais mostraram maiores níveis de auto-determinação em actividades relacionadas com as necessidades emocionais e educacionais das crianças, onde sentem poder dar um maior contributo para o desenvolvimento dos filhos, comparativamente às actividades direccionadas para as necessidades físicas.

Alguns estudos têm demonstrado que um forte determinante da participação paterna nos cuidados infantis são as crenças masculinas acerca dos papéis apropriados para homens e mulheres (Bonney, Kelley & Levant, 1999), tornando-se a este nível importante perceber as possíveis interligações entre identidade masculina e identidade paterna. De acordo com Arendell (1996), a masculinidade, definida como o papel de género e as expectativas a ele associadas, não se concilia facilmente com os cuidados paternos directos. Com efeito, existem ainda barreiras poderosas para os homens que desejam ser participantes igualitários na vida familiar e que estão presentes nas interacções sociais, no local de trabalho, na relação com as suas companheiras, bem como na relação dos homens consigo próprios (Arendell, 1996; Deutsch, 2001).

Ao nível individual, Bonney et al. (1999) relatam que pais com orientações menos rígidas quanto aos papéis sexuais apresentam um maior envolvimento nos cuidados infantis diários, comparativamente aos pais com crenças masculinas mais tradicionais,

mostrando que a ideologia dos papéis de género dos pais está relacionada com as crenças acerca dos comportamentos paternos apropriados. A partir de uma revisão de estudos realizados nesta área, os autores concluem que a crença de que o papel paterno é importante para o desenvolvimento infantil, as crenças acerca da competência dos homens com as crianças, a visão positiva da paternidade, o investimento no papel paterno, bem como atitudes mais igualitárias acerca dos papéis sexuais associados à parentalidade, são factores importantes que estão relacionados com o envolvimento paterno, sendo que quanto maior a valorização do papel paterno pelos próprios pais, maior a tendência a rejeitarem o mito da base biológica das diferenças de género e a percepcionarem as suas competências cuidadoras como adequadas (Bonney et al., 1999).

À luz destas conclusões, podemos então perceber que um dos possíveis factores explicativos da variabilidade interindividual observada na população masculina são as crenças e valores dos pais nos domínios da masculinidade e da paternidade, os quais conferem significados e expectativas internalizadas particulares com repercussão ao nível dos comportamentos. Dito de outro modo, pais que se envolvem menos nos cuidados directos à criança e valorizam sobretudo a sua função disciplinadora ou de suporte económico da família, poderão não ser simplesmente pais desinteressados ou “demitidos” da paternidade, mas antes pais que exercem essa mesma paternidade da melhor forma que sabem, em consonância com as suas crenças relativamente ao que é ser um “bom pai”. Este aspecto deve alertar-nos para a extrema complexidade dos significados e valores exibidos pelos pais, antes de “rotularmos” taxativamente um determinado exercício de paternidade como “bom” ou “mau”, de acordo com o que são as normas culturais do grupo social de pertença.

Neste capítulo demos particular importância aos aspectos identitários que podem dar conta da variabilidade existente no desempenho dos papéis paternos. Contudo, outros factores individuais têm mostrado ser relevantes para a compreensão dos comportamentos dos pais, nomeadamente os que estão relacionados com aspectos sócio-demográficos. Simultaneamente, uma visão ecológica mais abrangente impele-nos a considerar que o envolvimento paterno ocorre dentro de um sistema familiar particular e de um contexto social mais alargado que lhe dão um valor e significado particulares (Cabrera et al., 2000), o que torna então imprescindível a consideração de factores relacionais e sociais, com vista a uma análise compreensiva das fontes de variação no envolvimento dos pais com os seus filhos. Este aspecto será objecto de desenvolvimento no capítulo seguinte.

5. Envolvimento paterno como constructo multideterminado

O conhecimento sobre a paternidade tem desenvolvido a ideia de que o envolvimento paterno é, não apenas multidimensional, como também multideterminado, com base na evidência empírica de que existe uma variedade de factores com um efeito potencial, positivo ou negativo, na forma como os homens participam nos cuidados à criança (Cabrera, Fitzgerald et al., 2007; Featherstone, 2004; Matta & Knudson-Martin, 2006; NICHD, 2000; Rouyer et al., 2007). De uma forma geral, considera-se que o envolvimento paterno é afectado por múltiplos sistemas em interacção, que operam a diferentes níveis ao longo do ciclo de vida, incluindo as características pessoais, as características da criança, os factores do contexto social e relacional, bem como as práticas institucionais e as políticas públicas direccionadas para a parentalidade (Adamsons et al., 2007; Henley & Pasley, 2005; NICHD, 2000; Palkovitz & Palm, 2009; Shannon, Tamis-LeMonda & Cabrera, 2006).

A importância de examinar os determinantes do envolvimento paterno deriva da visão de que a paternidade é menos definida e determinada culturalmente do que a maternidade, tornando os papéis paternos mais sensíveis às influências da sociedade, do cônjuge e das próprias crianças (Cabrera, Fitzgerald et al., 2007; Parke, 2002; Rouyer et al., 2007). Nesta linha de investigação, dois modelos têm sido predominantemente utilizados como enquadramento conceptual para o estudo dos determinantes do envolvimento, por serem a vários níveis representativos e inclusivos: o modelo de Belsky (1984) e o modelo de Doherty, Kounesky e Erickson (1998), aos quais se fará referência de forma sucinta.

Belsky (1984) propôs um modelo dos determinantes do funcionamento parental identificando três domínios principais: 1) os recursos pessoais dos pais; 2) as características da criança e 3) as fontes contextuais de suporte e stress, especificamente as relações conjugais, as redes sociais e as experiências profissionais dos pais. Assentando numa concepção multideterminada dos papéis paternos, o modelo defende que as fontes contextuais podem afectar a paternidade de forma directa ou indirecta, ao influenciar o bem-estar psicológico dos indivíduos. Simultaneamente, a forma como o suporte ou stress sentidos no contexto serão vivenciados pelo pai irá depender em larga medida da sua personalidade, sendo os recursos psicológicos pessoais o factor mais determinante para a qualidade da relação pais-filhos.

Mais recentemente, Doherty et al. (1998) definiram um modelo conceptual de influências sobre o que designaram uma “*paternidade responsável*”, propondo cinco domínios principais: 1) características da mãe; 2) características do pai; 3) características da criança; 4) relação co-parental e 5) factores contextuais ou sócio-demográficos. De acordo com os autores, os três factores individuais estão inseridos num contexto social mais alargado que os afecta enquanto indivíduos e afecta a qualidade dos seus relacionamentos. Neste sentido, não apenas o bem-estar de crianças, pais e mães deve ser visto como interdependente, como também os seus comportamentos e crenças estão interligados numa rede de influências pessoais, relacionais e comunitárias (ver também Lee & Doherty, 2007)

Os vários estudos realizados nesta área têm considerado diferentes variáveis e factores, em qualquer dos domínios de influência apresentados pelos modelos anteriores. Dada a sua multiplicidade, optámos por fazer apenas referência às variáveis utilizadas no presente estudo, que se apresentam a seguir. Contudo, a escolha metodológica e a selecção por nós realizada ao nível dos determinantes do envolvimento paterno não impede o reconhecimento de que muitas outras variáveis poderiam ter sido igualmente avaliadas, numa perspectiva de influências múltiplas que um único estudo dificilmente conseguirá apreender, sob pena de perda de objectividade e parcimónia na interpretação dos dados.

6. Variáveis com influência no envolvimento paterno: características sócio-demográficas, pessoais e da relação conjugal

De entre os inúmeros determinantes do envolvimento paterno presentes na literatura, e tendo em conta o carácter eminentemente exploratório da presente investigação, optou-se por focalizar a análise no impacto de alguns factores pessoais, sócio-demográficos e da relação conjugal no grau de envolvimento dos pais. É relativamente a estes factores que se apresenta o estado actual do conhecimento científico, com base nas evidências demonstradas por várias investigações.

Variáveis sócio-demográficas

A idade dos pais tem sido objecto de estudo em algumas investigações, alcançando no entanto resultados contraditórios. De um ponto de vista teórico e relativamente simplista, se associamos um maior envolvimento paterno às gerações contemporâneas, pela

menor prevalência de crenças tradicionais associadas à parentalidade, maior informação sobre o desenvolvimento infantil e pelo desejo expresso por muitos pais de uma maior participação nos cuidados infantis (Balancho, 2004; Lima, 2008; Marks & Palkovitz, 2004), podemos esperar que pais mais jovens apresentem maiores níveis de interacção, acessibilidade e responsabilidade na relação com os filhos. Neste sentido, alguma evidência empírica demonstra que os pais contemporâneos passam de facto mais tempo com os filhos comparativamente aos pais de gerações anteriores, havendo indicadores de uma maior flexibilidade nos tipos de actividades em que se envolvem com os seus filhos, englobando a maior disponibilidade para o desempenho de tarefas domésticas e de cuidados directos à criança (Balancho, 2004; Marks & Palkovitz, 2004).

Contudo, outros estudos têm apresentado resultados contraditórios. Por exemplo, no estudo levado a cabo por Lima (2008), constatou-se que os pais mais velhos não só estão mais acessíveis para os filhos, como interagem mais com eles. Por seu turno, a investigação levada a cabo pelo *National Institute of Child Health and Human Development* (NICHD, 2000) concluiu que o envolvimento paterno nas tarefas de cuidados infantis era maior quando tanto os pais como as mães eram mais jovens, embora os pais mais velhos e com crenças parentais menos tradicionais fossem mais sensíveis durante as brincadeiras com as crianças, o que poderá significar que o estudo do impacto da idade do pai no envolvimento com os filhos tem de ter em conta as várias facetas ou dimensões desse envolvimento.

As habilitações académicas e o nível sócio-económico dos pais têm sido apontados como fortes determinantes do tipo de paternidade, sendo para alguns autores os factores preditores do envolvimento mais consistentes, ao nível das características pessoais dos pais (Arendell, 1996; Cabrera, Shannon & Tamis-LeMonda, 2007). Com base numa revisão de estudos empíricos, Davis & Perkins (1996) referem que os pais com maiores níveis de educação envolvem-se mais frequentemente nos cuidados infantis e passam mais tempo com os filhos em actividades relacionadas com a escola, tais como ler e ajudar nos trabalhos de casa. As mesmas conclusões derivam do estudo de Yeung et al. (2001), acrescentando ainda que os pais com maior nível educacional estão mais acessíveis durante a semana, despendendo a mesma quantidade de tempo durante a semana e aos fins-de-semana com as actividades escolares. Também Cabrera, Shannon et al. (2007) relatam que os pais com um nível educacional superior ao nível secundário estão mais motivados para a parentalidade e mais conscientes das necessidades desenvolvimentais dos seus filhos, em comparação com pais com menor nível académico.

Desta forma, um maior nível educacional poderá estar correlacionado com um maior conhecimento dos aspectos relacionados com a paternidade – maior informação relativamente à importância do pai no desenvolvimento da criança, maior “abertura” face a ideologias igualitárias no desempenho dos papéis parentais, etc. – com impacto nos comportamentos e relação com os filhos.

O estatuto sócio-económico tem também mostrado estar relacionado tanto com as competências paternas como com o tempo passado em tarefas parentais, observando Arendell (1996) que a co-parentalidade tende a ocorrer de forma mais predominante em famílias de nível sócio-económico médio ou médio-alto. Cabrera, Shannon et al. (2007) reportam igualmente a influência deste factor, associado ao nível educacional, nos resultados alcançados pelo seu estudo e apresentados acima. Provavelmente, as melhores condições de vida associadas a níveis sócio-económicos mais elevados – condições económicas mais favoráveis, mais recursos disponíveis, maior bem-estar psicológico – traduzir-se-ão numa melhor capacidade de resposta às necessidades físicas e de desenvolvimento dos filhos e numa dinâmica familiar mais facilitada e propiciadora de um maior envolvimento paterno.

Finalmente, o número de filhos existente na família apresenta-se como uma variável demográfica cuja relevância para o envolvimento paterno tem sido demonstrada por alguns estudos, que associam o aumento do tamanho da família a um decréscimo na qualidade da parentalidade de uma forma geral, e do envolvimento paterno em particular. Segundo Wood e Repetti (2004), cada criança adicional numa família requer recursos adicionais em termos de cuidados e supervisão, colocando maiores exigências para o envolvimento parental. Contudo, no seu estudo com 405 famílias holandesas, os autores relataram que ter um maior número de filhos estava associado a um maior tempo em actividades de cuidados infantis desempenhadas pela mãe e a um menor envolvimento do pai nesses cuidados. Uma possível explicação para esta tendência poderá prender-se com a especificidade da organização familiar face ao maior número de filhos, que leva os pais a sentir maior pressão para a função de provedor económico, despendendo mais horas no desempenho profissional do que nos cuidados familiares (Flouri & Buchanan, 2003; Wood & Repetti, 2004).

Importa ainda referir o estudo recente de Mehall, Spinrad, Eisenberg e Gaertner (2009), que procurou analisar o efeito do crescimento da família no envolvimento paterno com cada um dos filhos. Contrariando em parte os dados provenientes das investigações apresentadas acima, os resultados destes autores indicam que os pais se tornam em média

mais envolvidos nas actividades parentais à medida que a família aumenta, embora esse aumento esteja sobretudo relacionado com as crianças mais velhas, em detrimento de um menor tempo passado em interacção com os filhos mais novos (1ª infância). Face ao nascimento de um bebé, os pais tendem a assumir uma maior participação nos cuidados e educação dos filhos mais velhos, cabendo predominantemente às mães a responsabilidade pelos cuidados do novo elemento familiar.

Satisfação parental

A satisfação parental pode ser definida como as percepções de prazer e gratificação associadas ao papel parental (Johnston & Mash, 1989; Mercer, 1986, cit. por Hudson, Campbell-Grossman, Fleck, Elek & Shipman, 2003), assumindo-se que a paternidade tem impacto não apenas no destinatário dos cuidados, mas também no bem-estar do cuidador (Bradford & Hawkins, 2006). Sendo um conceito ainda pouco estudado na literatura sobre a parentalidade (Hudson, Elek & Fleck, 2001; Bornstein, Hendricks, Hahn, Haynes, Painter & Tamis-LeMonda, 2003), as evidências empíricas disponíveis sugerem que a satisfação parental é distinta da satisfação familiar e está directamente relacionada com elevados níveis de satisfação com a vida e com a relação conjugal, baixos valores de violência familiar e com a maior eficácia dos papéis parentais (Bárcia & Veríssimo, 2008), influenciando positivamente as competências e a auto-confiança no desempenho dos papéis parentais (Jacobs & Kelley, 2006).

Embora a maioria dos estudos nesta área tenha sido realizada com mães, os poucos estudos realizados com os pais indicam que uma maior satisfação com a paternidade está associada a maiores sentimentos de auto-eficácia (Hudson et al., 2001) e, conseqüentemente, a um maior envolvimento nos cuidados infantis (Henley & Pasley, 2005; Jacobs & Kelley, 2006). Deste modo, podemos supor que os pais que sentem a paternidade de forma mais satisfatória e se sentem mais confiantes nas suas capacidades e na importância do seu papel, tendem a assumir um maior protagonismo na relação com os filhos, ao mesmo tempo que percebem o seu envolvimento como uma fonte de satisfação e gratificação pessoal.

Stress parental

De acordo com Lazarus e Folkman (1984), o stress psicológico é frequentemente conceptualizado como um processo de interacção e ajustamento contínuos entre o sujeito e o ambiente. Nesta linha, o stress parental pode ser entendido como resultado de uma discrepância percebida entre as exigências associadas à parentalidade e os recursos pessoais, podendo ser experienciado em várias áreas da vida relacionadas com a parentalidade (Östberg, Hagekull e Hagelin, 2007).

A parentalidade em si mesma pode ser considerada como um acontecimento de vida potencialmente stressante, pelas exigências e recursos pessoais que exige dos pais, num esforço constante de adaptação às necessidades da criança em desenvolvimento, cujo impacto cumulativo ao longo do tempo pode ser bastante significativo para o funcionamento parental (Östberg, 1998; Chang & Fine, 2007; Crnic & Greenberg, 1990; Putnick, Bornstein, Collins, Hendricks, Painter & Suwalsky, 2008). Estas razões têm levado a amplas investigações nesta área, sobretudo procurando perceber as associações existentes entre stress parental, comportamentos parentais e o ajustamento da criança (Huth-Bocks & Hughes, 2008; Östberg et al., 2007). Por exemplo, alguns estudos revistos por Huth-Bocks e Hughes (2008) demonstram que o stress parental está relacionado com técnicas de disciplina parentais mais rígidas e ineficazes, tais como criticismo e maior disciplina física, bem como um maior uso de ordens e menos comportamentos educativos. Outros autores acrescentam ainda a evidência de uma menor responsividade e afectividade parentais e um menor bem-estar pessoal em pais e mães que experienciam elevados níveis de stress, particularmente devido a dificuldades económicas (Crnic, Gaze & Hoffman, 2005; Guajardo, Snyder & Petersen, 2009; Haskett, Ahern, Ward & Allaire, 2006; McPherson, Lewis, Lynn, Haskett & Behrend, 2009; Webster-Stratton, 1990), podendo as situações de stress crónico na família abrir caminho a uma parentalidade mais rígida e reactiva e interferir com as capacidades dos pais em responder de forma contingente e construtiva às necessidades e desenvolvimento dos filhos (Deater-Deckard, 2005).

Uma das consequências adversas associadas ao stress parental tem sido um menor envolvimento parental, sobretudo em termos da qualidade das interacções, observado tanto em pais como em mães (Crnic et al., 2005; Whiteside-Mansell, Ayoub, McKelvey, Faldowski, Hart & Shears, 2007), indicando que pais que experienciam maiores níveis de stress poderão apresentar maiores dificuldades de ajustamento e de *coping* face às tarefas

associadas com a parentalidade, com uma repercussão significativa na qualidade das relações pais-filhos e num envolvimento positivo.

Importa contudo ter em conta que, sendo o stress parental uma variável complexa e também ela multidimensional, a questão de saber se circunstâncias percebidas como stressantes irão causar uma séria perturbação no funcionamento e interações parentais com os filhos depende, em grande medida, do bem-estar psicológico individual dos pais e dos seus recursos pessoais, como o suporte familiar e social (Abidin, 1992; Bonds, Gondoli, Sturge-Apple & Salem, 2002; Deater-Deckard & Scarr, 1996). Consequentemente, a forma como um pai avalia a situação de stress irá determinar o grau em que esta poderá perturbar as suas práticas parentais e, por sua vez, irá determinar o grau de risco para o desenvolvimento da criança (Baxter, Cummins & Yiolitis, 2000; Webster-Stratton, 1990).

Ajustamento conjugal

De entre os vários factores contextuais de suporte com influência no envolvimento paterno, a relação conjugal é o que tem sido avaliado de forma mais consistente por inúmeros estudos, sugerindo que a qualidade afectiva da relação conjugal está positivamente correlacionada com a qualidade afectiva da relação pai-filhos (Adamsons et al., 2007; Bonney et al., 1999; Bradford & Hawkins, 2006; Jacobs & Kelley, 2006; Lewis & Lamb, 2003; NICHD, 2000; Rouyer et al., 2007).

O ajustamento conjugal surge como conceito-chave neste domínio, entendido como uma propriedade interpessoal e como uma questão de “grau” num processo diádico contínuo e em constante mudança (Gomez & Leal, 2008). Trata-se sobretudo de uma medida de avaliação da qualidade da relação conjugal, que assume importância no estudo da parentalidade a partir de uma abordagem sistémica da família. Tal como refere Parke (2002), as famílias são melhor compreendidas como sistemas sociais em permanente interacção, o que significa que para compreender verdadeiramente o comportamento de um elemento da família, o comportamento complementar dos outros elementos necessita também de ser compreendido e avaliado, numa perspectiva de interdependência e de influências recíprocas entre os diversos elementos (pai, mãe, criança) e os diversos subsistemas (conjugal, parental) (Kurdek, 1996).

A literatura existente sugere que a qualidade da relação conjugal é um forte determinante do envolvimento paterno, mais do que do envolvimento materno. De uma

forma geral, aspectos como o suporte do cônjuge e a satisfação conjugal são mais críticos para uma parentalidade adequada no caso dos pais, não sendo os comportamentos maternos tão sensíveis à influência dos factores conjugais (Arendell, 1996; Jacobs & Kelley, 2006; Lewis & Lamb, 2003; Parke, 2002).

Em concordância com Belsky (1984), podemos supor que quando um dos cônjuges mostra ao outro que o ama e valoriza de uma forma geral, esses sentimentos positivos, embora não estejam directamente associados à parentalidade, afectam os cuidados parentais e podem ser entendidos como formas indirectas de suporte social, com um impacto significativo nos comportamentos paternos. Doherty et al. (1998) referem que quando o pai avalia a qualidade da sua relação conjugal como satisfatória, tende a passar mais tempo envolvido ou em interacção directa com os filhos, não apenas para cumprir o seu papel parental mas também como forma de demonstrar afecto e parceria relativamente à sua mulher. Pelo contrário, a insatisfação associada à relação conjugal pode propiciar o afastamento do homem da vida familiar e do envolvimento com os filhos (Mehall et al., 2009). Também Lewis e Lamb (2003) apontam a relação conjugal como um bom barómetro das relações pais-filhos ao longo do desenvolvimento, salientando que os homens estão consistentemente mais envolvidos com as crianças quando ambos os pais se constituem como uma fonte de suporte do envolvimento do outro, e quando existe uma forte interacção entre parceiros.

Vários estudos confirmam esta associação entre qualidade da relação conjugal e o envolvimento paterno, tanto ao nível da qualidade das interacções pai-filhos, como ao nível da frequência de envolvimento na prestação de cuidados (Bonney et al., 1999; Bradford & Hawkins, 2006; Lee & Doherty, 2007; NICHD, 2000), desde fases muito precoces do desenvolvimento da criança (Elek, Hudson & Bouffard, 2003; Mehall et al., 2009). Adicionalmente, Cummings e O'Reilly (1997) dão conta, na sua revisão da literatura, que em casamentos harmoniosos, em oposição com casamentos discordantes e com maiores níveis de conflito, pais e mães tendem a desempenhar papéis semelhantes, partilhados e recíprocos, sugerindo que os modelos co-parentais podem ser mais frequentes em casamentos descritos como harmoniosos do ponto de vista da qualidade da relação e da satisfação a ela associada.

II. Objectivos

A presente investigação teve como objectivo avaliar o grau de envolvimento paterno numa amostra de pais portugueses de crianças em idade escolar (1º ciclo do Ensino Básico), explorando o impacto de algumas variáveis sócio-demográficas como factores de variabilidade interindividual. Simultaneamente, e partindo de uma concepção multideterminada do envolvimento paterno, pretendeu-se avaliar de que forma diferentes níveis de satisfação parental, stress parental e ajustamento conjugal podem estar associados a diferentes níveis de envolvimento nos pais.

Deste modo, foi realizado um estudo exploratório transversal, com base nos seguintes objectivos:

- a) Avaliar o grau de envolvimento paterno num grupo de pais portugueses de crianças em idade escolar, identificando possíveis factores de variabilidade interindividual (faixa etária, habilitações literárias, nível sócio-económico, número de filhos);
- b) Avaliar o impacto da satisfação parental no envolvimento paterno;
- c) Avaliar o impacto do stress parental no envolvimento paterno;
- d) Avaliar o impacto da qualidade da relação conjugal no envolvimento paterno.

Mais especificamente, o estudo pretendeu dar resposta às seguintes questões de investigação:

- 1) Quais os níveis de envolvimento paterno dos pais pertencentes a cada grupo?
 - 1.a) Existem diferenças em função da idade dos pais?
 - 1.b) Existem diferenças em função das habilitações académicas dos pais?
 - 1.c) Existem diferenças em função do nível sócio-económico dos pais?
 - 1.d) Existem diferenças em função do número de filhos?
- 2) Níveis mais elevados de satisfação paterna estão associados a um maior envolvimento paterno?
- 3) Níveis mais elevados de stress paterno têm influência no nível de envolvimento paterno?
- 4) Níveis mais elevados de ajustamento diádico estão associados a um maior envolvimento paterno?

III. Metodologia

1. Desenho da investigação

As questões de investigação definidas foram operacionalizadas num desenho metodológico de carácter exploratório, transversal e correlacional. O estudo foi composto por um único momento de avaliação, através da aplicação de questionários de auto-resposta, com posterior tratamento estatístico dos dados, que possibilitaram uma análise descritiva e correlacional das variáveis avaliadas.

2. Participantes

A amostra é constituída por 145 pais de nacionalidade portuguesa residentes no distrito de Lisboa, com idades compreendidas entre os 28 e os 59 anos ($M=40.14$; $DP=5.391$), observando-se uma maior preponderância de pais entre os 39 e os 49 anos de idade (50.4%). Todos os sujeitos têm pelo menos um filho com idades compreendidas entre os 5 e os 9 anos.

Ao nível das habilitações académicas, a maioria dos participantes possui o Ensino Superior (41.4%) ou Secundário (35.9%), sendo apenas 15.2% os que detêm o Ensino Básico e 7.6% o Ensino Médio/Bacharelato.

Relativamente à situação profissional, a esmagadora maioria dos pais exerce uma actividade profissional (91%), sendo muito baixa a percentagem de desempregados (2.8%) e reformados (0.7%, correspondendo apenas a 1 participante). 5.5% dos pais não forneceram qualquer indicação relativamente à sua situação profissional.

Seguindo a categorização de Simões (1994) para a classificação do nível sócio-económico, podemos observar que 53.8% dos pais apresenta um nível sócio-económico médio, 31% apresenta um nível sócio-económico elevado, detendo os restantes 15.2% um baixo nível sócio-económico.

Todos os participantes são casados ou vivem em união de facto, sendo o seu núcleo familiar composto por pai, mãe e filho(s). Quanto ao tamanho da família, em função do número de filhos, verifica-se que 24.8% dos pais têm apenas 1 filho, 57.9% têm 2 filhos e os restantes 0.7% têm 3 ou mais filhos. Dos pais que têm mais do que um filho, 7.6%

referiram ter pelo menos um filho de uma relação anterior. O Quadro 1 sumaria as características sócio-demográficas da nossa amostra.

Quadro 1 – Características sócio-demográficas dos participantes

<i>Características (N=145)</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Idade		
[28-38]	63	43.4
[39-49]	73	50.4
[50-60]	9	6.2
Zona de Residência		
Cascais	113	77.9
Oeiras	22	15.2
Lisboa	2	1.4
Sintra	2	1.4
Mafra	1	0.7
Não responde	5	3.4
Habilitações Literárias		
Ensino Básico	22	15.2
Ensino Secundário	52	35.9
Ensino Médio/Bacharelato	11	7.6
Ensino Superior	60	41.4
Situação Profissional		
Com actividade profissional	132	91
Desempregado	4	2.8
Reformado	1	0.7
Não responde	8	5.5
Nível Socioeconómico		
Baixo	22	15.2
Médio	78	53.8
Alto	45	31
Número de filhos		
1 Filho	36	24.8
2 Filhos	84	57.9
3 ou mais Filhos	1	0.7
Filhos de relação anterior		
Sim	11	7.6
Não	134	92.4

3. Material

Foram utilizados os seguintes instrumentos na investigação:

- **Questionário sócio-demográfico**, construído para o efeito com vista a obter os dados sociais e demográficos relevantes relativos aos participantes no estudo, nomeadamente: idade, nacionalidade e zona de residência, habilitações académicas, profissão actual, estado civil, número de filhos e respectivas idades, composição do núcleo familiar e existência de filhos de anteriores relações.

- **Escala de Envolvimento Parental**, construída no âmbito do presente estudo, com recurso a outros questionários estrangeiros sobre a mesma temática e a literatura especializada na área da parentalidade. Trata-se de um questionário de tipo Likert com 19 itens organizados de acordo com pontuações de 1 a 5, acrescentando-se um último item estruturado em termos percentuais, com vista a avaliar o envolvimento relativo das várias figuras cuidadoras. O seu objectivo é perceber a frequência de determinadas situações relacionadas com o dia-a-dia familiar e avaliar a frequência com que os pais desempenham diferentes tarefas de cuidados e educação das crianças. A escala permite obter uma pontuação total através do somatório de todos os itens de tipo Likert, correspondendo valores mais altos a um grau mais elevado de envolvimento paterno. Simultaneamente, a escala está estruturada de acordo com quatro subescalas, cujas pontuações se obtêm a partir da média dos itens respectivos: a) Cuidados; b) Disponibilidade; c) Presença; d) Disciplina.

Tendo em conta que se trata de uma escala construída para a presente investigação, apresentar-se-á a seguir o estudo de validação efectuado.

- **Escala de Satisfação Parental** (*Parent Satisfaction Scale* de Halverson & Duke, 1991), adaptada para a população portuguesa por Martins e Leal (2005, publicada em Leal & Maroco, 2009). Trata-se de um questionário de tipo Likert composto por 20 itens, que permite medir os níveis de satisfação associados à parentalidade, através de 3 sub-escalas: a) Prazeres da parentalidade; b) Fardos da parentalidade; c) Importância da parentalidade. São apresentadas afirmações relativas à satisfação e importância atribuída à parentalidade, pedindo-se aos sujeitos que se posicionem face a cada uma delas em função do seu grau de

concordância ou discordância. Resultados totais mais elevados indiciam maiores níveis de satisfação parental.

- **Escala de Stress Parental** (*Parental Stress Scale* de Berry & Jones, 1995), adaptada para a **população** portuguesa por Mixão, Leal e Maroco (2005, publicada em Leal & Maroco, 2009). É um questionário de tipo Likert composto por 17 itens com pontuações de 1 a 5, que pretende medir o grau de stress experienciado pelos pais, através de 4 sub-escalas: a) Preocupações parentais; b) Satisfação; c) Falta de controlo; d) Medos e angústias. São abordados aspectos que incluem a proximidade com a criança, satisfação no seu papel enquanto pais, emoções positivas e negativas relacionadas com a parentalidade, bem como as dificuldades associadas ao papel parental. Aos sujeitos é pedido que respondam a cada item em função do seu grau de concordância ou discordância, com base na sua experiência parental pessoal. Resultados totais mais elevados representam maiores níveis de stress parental.

- **Escala de Ajustamento Diádico** (*Dyadic Adjustment Scale* de Spanier, 1976), adaptada para a população portuguesa por Gomez e Leal, (2004, publicada em Gomez & Leal, 2008). Questionário composto por 30 itens de tipo Likert e 2 itens dicotómicos (Sim/Não), que pretende avaliar a percepção da qualidade da relação conjugal, através de 4 sub-escalas: a) Consenso; b) Satisfação; c) Expressão de afecto; d) Coesão. As questões focam vários aspectos do relacionamento e funcionamento conjugal, bem como da satisfação a ele associada, pedindo-se ao sujeito que se posicione face a cada uma delas, quer em termos da concordância ou discordância, quer em termos da frequência com que acontecem determinadas situações características da vida conjugal. Resultados mais altos reflectem uma percepção mais positiva da qualidade da relação.

3.1. Validação da escala de envolvimento paterno

Na medida em que se pretende constituir como um instrumento de avaliação útil, foi realizada a validação factorial e de fiabilidade da escala de envolvimento paterno desenvolvida no presente estudo.

A validação foi realizada numa amostra recolhida por conveniência, composta por 154 pais portugueses de crianças do 1º ciclo, com idades compreendidas entre os 28 e os

59 anos ($M=40.18$; $DP=5.332$) e residentes no distrito de Lisboa. No Quadro 2 apresentam-se as características principais da amostra para aferição do instrumento.

Quadro 2 – Características sócio-demográficas da amostra para validação da escala de envolvimento paterno

<i>Características (N=145)</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Estado Civil		
Solteiro	1	0.6
Casado / União de Facto	146	94.8
Separado / Divorciado	7	4.5
Habilitações Literárias		
Ensino Básico	24	15.6
Ensino Secundário	54	35.1
Ensino Médio/Bacharelato	11	7.1
Ensino Superior	65	42.2
Situação Profissional		
Com actividade profissional	141	91.6
Desempregado	4	2.6
Reformado	1	0.6
Não responde	8	5.2
Nível Socioeconómico		
Baixo	24	15.6
Médio	82	53.2
Alto	48	31.2
Número de filhos		
1 Filho	41	26.6
2 Filhos	86	55.8
3 ou mais Filhos	27	17.5

Aspectos metodológicos

Foi efectuada uma análise factorial confirmatória, com o objectivo de confirmar a adequação da estrutura factorial obtida pela escala de envolvimento paterno à amostra em estudo. Adicionalmente, procedeu-se à avaliação da estrutura relacional dos 21 itens iniciais da escala através da análise factorial exploratória sobre a matriz das correlações, com extracção dos factores pelo método das componentes principais seguida de uma rotação varimax. Foram retidos os factores que apresentavam valores próprios (*eigenvalue*) superiores a 1 e que, de acordo com o scree-plot, explicavam uma percentagem considerável da variância total.

Para avaliar a validade da análise factorial exploratória utilizou-se o critério KMO com os critérios de classificação definidos em Maroco (2007), tendo-se observado um

valor de KMO=0.80. Todas as análises foram realizadas com apoio do *software* SPSS 17.0, apresentando-se os *outputs* do programa em anexo.

Os *scores* de cada sujeito em cada um dos quatro factores retidos foram obtidos pelo método de Bartlett implementado no SPSS. Estes *scores* foram depois utilizados nas análises inferenciais seguintes.

Resultados

Foram inicialmente encontrados 6 factores, que explicavam 63.48% da variância total. Contudo, a estruturação da escala segundo este modelo factorial revelou baixos valores de fiabilidade em algumas dimensões, compostas por apenas dois itens com valores limites de saturação, razão pela qual se considerou mais adequado proceder a uma análise factorial testando um modelo estrutural de quatro factores. Os quatro factores obtidos explicam 52.32% da variância total, tendo sido retidos os itens com um valor de saturação igual ou superior a 0.45. Os itens 2 e 20 foram excluídos por apresentarem um baixo valor de saturação em qualquer um dos factores.

A escala final é então composta por 19 itens, sendo a sua estrutura relacional melhor explicada por um modelo de quatro factores latentes. No quadro 3 apresentam-se os pesos factoriais de cada item em cada um dos factores, os seus *eigenvalues*, a comunalidade de cada item e a percentagem de variância explicada por cada factor. A negrito apresentam-se os itens com pesos factoriais superiores a 0.45 em valor absoluto.

Quadro 3: Pesos factoriais dos itens da Escala de Envolvimento Paterno, *eigenvalues*, percentagem da variância explicada e consistência interna das sub-escalas definidas pelos 4 factores extraídos por análise factorial exploratória com rotação varimax. Os pesos com valor absoluto superior a 0,45 são apresentados a negrito.

Itens	Factores Extraídos				Comunali- dade
	I. Cuidados	II. Disponibili- dade	III. Presença	IV. Disciplina	
1	0.669	0.118	0.180	0.093	0.503
5	0.663	0.123	0.064	0.188	0.494
6	0.640	-0.148	0.027	-0.001	0.433
7	0.736	0.074	0.078	-0.030	0.554
8	0.617	0.119	0.024	0.063	0.399
21	0.607	0.144	0.101	0.323	0.504
9	0.131	0.656	-0.016	0.206	0.490
10	-0.033	0.799	0.026	0.057	0.644
11	0.100	0.635	0.054	-0.042	0.417
12	0.089	0.866	0.071	0.151	0.785
13	-0.031	0.890	0.071	0.057	0.801
14	0.281	0.619	0.321	0.145	0.587
15	0.215	0.356	0.494	0.081	0.423
16	0.075	0.109	0.672	0.095	0.478
17	0.295	0.313	0.533	0.244	0.528
18	0.093	-0.071	0.746	0.031	0.572
3	0.016	0.041	0.332	0.651	0.537
4	0.262	0.043	0.156	0.675	0.550
19	0.025	0.159	-0.050	0.799	0.667
<i>Eigenvalues</i>	2.608	5.495	1.396	1.490	
Variância Explicada (%)	12.42	26.16	6.65	7.09	
Alfa de Cronbach (α)	0.755	0.856	0.648	0.647	

O índice de consistência interna global da escala estimado pelo alfa de Cronbach apresenta um valor de 0.846, considerado como indicador de uma boa consistência interna (Maroco & Garcia-Marques, 2006). Relativamente às quatro dimensões, observam-se valores considerados bons para as duas primeiras e valores mais baixos, embora aceitáveis, para as dimensões 3 e 4.

O primeiro factor, designado por *Cuidados*, avalia a frequência com que o pai desempenha tarefas de prestação de cuidados à criança, tanto ao nível dos cuidados físicos, como de tarefas de acompanhamento e aprendizagem da criança, sendo constituído pelas seguintes questões:

1. Com que frequência alimenta a criança;
5. Com que frequência ajuda a criança nos problemas pessoais;
6. Com que frequência dá banho e veste a criança;
7. Com que frequência deita a criança;
8. Com que frequência ajuda a criança a aprender;
21. Como classifica o seu grau de envolvimento na prestação de cuidados à criança.

O segundo factor, designado por *Disponibilidade*, avalia a percepção de disponibilidade paterna quotidiana, sendo composto pelas questões:

9. Com que frequência está fora de casa e longe da criança durante semanas e meses;
10. Com que frequência está fora de casa durante dias seguidos;
11. Com que frequência está fora de casa nos fins-de-semana;
12. Com que frequência está fora de casa pelo menos 4 noites por semana;
13. Com que frequência está fora de casa pelo menos 2 noites por semana;
14. Com que frequência está ausente durante o jantar com a criança pelo menos 2 noites por semana.

O terceiro factor foi designado *Presença* e avalia a percepção de presença do pai durante a semana, sobretudo ao nível das rotinas quotidianas da vida da criança. É composto pelas questões:

15. Com que frequência está presente durante a semana nos pequenos-almoços com a criança e restante família;
16. Com que frequência está em casa à hora do lanche durante a semana;
17. Com que frequência está em casa ao final do dia quando a criança chega da escola;
18. Com que frequência está em casa o dia inteiro durante a semana, com a criança e restante família.

O quarto e último factor, designado *Disciplina*, avalia a percepção da responsabilidade paterna nas tarefas de disciplina e estabelecimento de limites da criança, e é composto pelas questões:

3. Com que frequência castiga a criança;
4. Com que frequência estabelece limites para o comportamento da criança;
19. Quem geralmente decide quando as crianças devem ser disciplinadas.

A escala apresenta ainda um último item que não foi sujeito a estudo de validação, tendo em conta que apresenta um formato diferente dos restantes, estruturando-se em termos de percentagens:

20. Qual a percentagem de tempo em que o seu filho/a está ao cuidado das seguintes pessoas?

Você: ____ %	O cônjuge: ____ %
Outros familiares: ____ %	Os professores: ____ %

Justifica-se a pertinência deste item pelo facto de nos permitir obter uma medida do envolvimento paterno *relativo*, ou seja, considerando o grau de envolvimento do pai em relação a outras figuras cuidadoras, que possa depois ser ponderada com os resultados obtidos nos restantes itens.

4. Procedimentos de investigação

A recolha da amostra foi realizada em quatro instituições escolares do 1º ciclo do Ensino Básico, públicas e particulares, após contactos iniciais com as direcções pedagógicas de cada instituição e posterior autorização para a realização do estudo. Numa primeira fase, foram realizadas reuniões com as coordenadoras de agrupamento (nas escolas públicas), directoras pedagógicas e directoras de turma do 1º ciclo, com vista ao esclarecimento detalhado sobre os objectivos da investigação e pedido de colaboração na entrega dos questionários aos pais. Dado tratar-se de um número elevado de pais em cada escola, e tendo em conta as dificuldades práticas associadas à realização de reuniões de pais específicas para o estudo, considerou-se ser mais adequado a entrega dos questionários aos professores de cada sala, para serem distribuídos directamente aos pais no momento em que vinham buscar os seus filhos. Os questionários foram entregues em

envelope, juntamente com um documento explicativo dos objectivos gerais da investigação, simultaneamente garantindo o anonimato e confidencialidade da informação prestada, com vista à obtenção do consentimento informado dos pais (os documentos referidos encontram-se em anexo). Após o seu preenchimento, os questionários foram devolvidos aos professores em envelope fechado, sendo posteriormente recolhidos pela investigadora junto das escolas.

Optou-se por incluir os pais de todas as crianças presentes nas turmas onde foi recolhida a amostra, sendo a selecção dos questionários válidos feita posteriormente, em função dos critérios de selecção definidos à partida: ter nacionalidade portuguesa, ser casado ou viver em união de facto com a mãe do seu filho(a).

A entrega dos questionários aos pais foi realizada em Março de 2009, ocorrendo a sua recolha entre os meses de Março e Maio de 2009. Foram entregues 635 questionários, tendo sido devolvidos apenas 318, dos quais 81 foram entregues em branco e 92 foram considerados inválidos, em virtude de não estarem correctamente preenchidos ou por os pais não cumprirem os critérios de selecção definidos (e.g., nacionalidade estrangeira, pais divorciados). Deste modo, a nossa amostra final é constituída por 145 pais.

5. Procedimentos estatísticos

A análise dos resultados alcançados teve por base, num primeiro momento, a comparação entre o grau de envolvimento encontrado em cada grupo de pais, em função das variáveis sócio-demográficas definidas nos objectivos da investigação (idade, habilitações académicas, nível sócio-económico e número de filhos) e, num segundo momento, a correlação entre o grau de envolvimento paterno e os factores satisfação parental, stress parental e ajustamento conjugal, com vista a averiguar a existência ou não de uma associação entre as variáveis.

Todas as análises estatísticas descritivas e inferenciais foram realizadas com recurso ao programa informático *Statistical Package for Social Science* (SPSS - versão 17.0). Ao nível da análise descritiva, foram determinadas as frequências, as percentagens, médias e desvios-padrão das variáveis caracterizadoras da amostra. Ao nível da análise inferencial, e após verificados todos os pressupostos de aplicação dos métodos paramétricos (distribuição normal e homogeneidade de variâncias), foram realizadas análises de variância unifactoriais para comparação de mais de duas médias (ANOVA

One-way). Foi utilizada a correção de *Welch* nas situações em que os grupos analisados não cumpriam os pressupostos de aplicação. Nos casos em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos avaliados, foi realizado posteriormente o teste *post-hoc* de *Tukey*, de forma a discriminar entre que grupos se verificavam essas diferenças. Por último, para avaliação do grau de associação entre o envolvimento paterno e os factores satisfação parental, stress parental e ajustamento diádico, foi utilizado o teste de correlação bivariada, utilizado o coeficiente de *Pearson*.

IV. Resultados

Começaremos por apresentar os resultados gerais relativos ao envolvimento paterno, tendo em conta a totalidade da amostra avaliada, passando depois à análise dos factores de variabilidade interindividual ao nível do envolvimento: idade, habilitações literárias, nível sócio-económico e número de filhos. Posteriormente, serão apresentados os resultados relativos à associação entre o envolvimento paterno e a satisfação parental, o stress parental e o ajustamento diádico.

1. Grau de envolvimento paterno na amostra total

Apresentam-se a seguir os resultados médios obtidos na Escala de Envolvimento Paterno (EEP) e respectivas subescalas.

Quadro 4 – Valores mínimos e máximos, médias e desvio-padrão da Escala de Envolvimento Paterno

<i>Escala de Envolvimento Paterno (N=145)</i>	<i>Valor Mínimo e Máximo</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Total	19 - 95	66,74	8,44
Cuidados	6 - 30	20,79	3,25
Disponibilidade	6 - 30	25,78	4,10
Presença	4 - 20	11,00	3,37
Disciplina	3 - 15	9,15	1,59

De acordo com o quadro apresentado, é possível observar um grau de envolvimento paterno acima da linha média da escala, tendo em conta os valores mínimos e máximos, o que sugere que os pais da nossa amostra se percebem como figuras envolvidas nos cuidados e na educação dos filhos. Adicionalmente, as médias apresentadas em todas as dimensões avaliadas pela Escala de Envolvimento Paterno (EEP) são relativamente elevadas ou pelo menos aproximadas ao valor médio. A dimensão *Disponibilidade* é a que apresenta o valor mais elevado, apontando para níveis elevados de acessibilidade paterna no quotidiano da criança. Também a dimensão *Cuidados* se apresentam um pouco acima da linha média da subescala, sugerindo que os pais se percebem como figuras relativamente envolvidas na prestação de cuidados e na educação dos filhos. Por outro lado, é a dimensão *Presença* a que obtém um menor resultado, demonstrando que, apesar de os pais da nossa amostra se mostrarem bastante disponíveis para os filhos, não estão tão

presentes fisicamente em determinados momentos do quotidiano da criança durante a semana, o que poderá sobretudo dever-se aos seus horários profissionais.

Com vista a uma análise detalhada dos resultados encontrados, julgámos pertinente apresentar as respostas mais frequentes registadas em cada item da EEP. Para facilitar a leitura dos dados, os itens foram organizados em função da subescala a que pertencem.

Quadro 5 – Valores modais e respectiva percentagem dos itens da EEP, organizados por subescalas.

	Item	Moda	%
Cuidados	1. Com que frequência alimenta a criança	<i>Frequentemente</i>	43,4
	4. Com que frequência ajuda a criança nos problemas pessoais	<i>Frequentemente</i>	52,4
	5. Com que frequência dá banho e veste a criança	<i>Às vezes</i>	34,5
	6. Com que frequência deita a criança	<i>Frequentemente</i>	51,7
	7. Com que frequência ajuda a criança a aprender	<i>Às vezes</i>	48,3
	19. Como classifica o seu grau de envolvimento na prestação de cuidados à criança	<i>Muito envolvido</i>	57,2
Disponibilidade	8. Com que frequência está fora de casa e longe da criança durante semanas e meses	<i>Nunca</i>	77,9
	9. Com que frequência está fora de casa durante dias seguidos	<i>Nunca</i>	46,2
	10. Com que frequência está fora de casa nos fins-de-semana	<i>Nunca</i>	55,2
	11. Com que frequência está fora de casa pelo menos 4 noites por semana	<i>Nunca</i>	71,7
	12. Com que frequência está fora de casa pelo menos 2 noites por semana	<i>Nunca</i>	54,5
	13. Com que frequência está ausente durante o jantar com a criança pelo menos 2 noites por semana	<i>Nunca</i>	34,5
Presença	14. Com que frequência está presente durante a semana nos pequenos-almoços com a criança e restante família	<i>Sempre</i>	32,4
	15. Com que frequência está em casa à hora do lanche durante a semana	<i>Nunca</i>	37,2
	16. Com que frequência está em casa ao final do dia quando a criança chega da escola	<i>Sempre</i>	27,6
	17. Com que frequência está em casa o dia inteiro durante a semana, com a criança e restante família	<i>Nunca</i>	42,1
Disciplina	2. Com que frequência castiga a criança	<i>Às vezes</i>	46,2
	3. Com que frequência estabelece limites para o comportamento da criança	<i>Às vezes</i>	47,6
	18. Quem geralmente decide quando as crianças devem ser disciplinadas	<i>Tanto o pai como a mãe</i>	60,7

Tendo em conta as respostas mais frequentes dadas pelos sujeitos da nossa amostra, podemos então verificar que, ao nível dos *Cuidados*, alimentar e deitar da criança, bem como ajudá-la nos seus problemas pessoais, são tarefas que uma percentagem relativamente significativa de pais realiza “frequentemente”, enquanto que dar banho, vestir a criança e ajudá-la nas aprendizagens são tarefas que os pais apenas realizam “às vezes”. Ainda nesta dimensão, podemos observar que 57,2% dos pais se considera muito envolvido na prestação de cuidados à criança, o que é de certa forma confirmado pelas respostas mais frequentes apresentadas.

Ao nível da segunda dimensão, todos os itens apresentam “nunca” como resposta mais frequente, sugerindo uma forte *Disponibilidade* paterna no quotidiano da criança, com percentagens expressivas nos itens 8 e 11 (77,9% e 71,7% respectivamente). A análise destes itens permite-nos perceber que a esmagadora maioria dos pais não se ausenta do quotidiano familiar durante períodos muito extensos, inferindo-se que está frequentemente disponível para os cuidados e a relação com a criança e restante família.

Na dimensão *Presença*, verifica-se que as respostas mais frequentes são, contudo, dadas por uma percentagem menos expressiva de pais, significando que a grande maioria dos pais se distribui pelas restantes opções de resposta, embora estas não apresentem frequências tão elevadas em termos absolutos. De qualquer forma, tendo em conta os dados assinalados, observa-se que a presença paterna é bastante frequente durante os pequenos-almoços e quando a criança chega da escola (embora com pouca expressão percentual: 32,4% e 27,6% respectivamente) em detrimento de situações como estar em casa à hora do lanche durante a semana e estar em casa o dia inteiro durante a semana.

Por último, a análise das respostas mais frequentes na dimensão *Disciplina* aponta para a ocasionalidade dos castigos e do estabelecimento de limites para o comportamento da criança por parte do pai. A maioria dos pais (60,7%) refere ainda que as decisões relativas à disciplina da criança são tomadas tanto pelo pai como pela mãe, apontando para uma partilha parental de tarefas a este nível.

1.1. Envolvimento paterno em relação a outras figuras cuidadoras

O item final da escala pretendeu ainda medir o envolvimento paterno relativo em termos percentuais, tendo em conta as outras figuras com quem o pai reparte os cuidados à criança: cônjuge/mãe da criança, outros familiares e professores. O quadro seguinte resume a informação alcançada.

Quadro 6 – Percentagem de tempo atribuída a cada figura cuidadora (médias e desvio-padrão)

	<i>Pai</i>	<i>Mãe</i>	<i>Outro Familiar</i>	<i>Professores</i>
<i>M</i>	27,48	36,02	5,27	31,21
<i>DP</i>	11,41	13,02	7,09	17,78

De uma forma geral, a análise do quadro permite-nos verificar que é à mãe que cabe a maior percentagem de tempo como principal cuidadora da criança (36,02%), seguida dos professores (31,21%) e só depois do pai (27,48%). Os outros familiares são indicados como as pessoas que menos tempo passam como cuidadores da criança, existindo neste grupo uma grande variabilidade nos resultados registados (5,27%, com um desvio-padrão elevado de 7.09). Deste modo, podemos perceber que são os pais e os professores as figuras principais do quotidiano infantil, o que reflecte sobretudo o quotidiano familiar durante a semana, com a permanência da criança na escola durante uma parte considerável do dia. Por outro lado, a comparação entre a percentagem de tempo atribuída ao pai e a que é atribuída à mãe vai ao encontro da literatura nesta área, que aponta para a maior responsabilidade das mães na prestação de cuidados às crianças.

Assim, embora os resultados gerais anteriormente apresentados indiquem níveis elevados de envolvimento paterno na amostra estudada, a análise do envolvimento em termos relativos mostra-nos diferenças entre o tempo que pais e mães despendem nos cuidados infantis, de acordo com os relatos dos próprios pais.

2. Factores de variabilidade interindividual no envolvimento paterno

Nesta secção, apresentam-se os resultados referentes ao envolvimento paterno, após considerar algumas variáveis individuais e sócio-demográficas previamente identificadas. Assim, a análise dos resultados é feita com base na comparação entre grupos de pais, em função da idade, das habilitações literárias, do nível sócio-económico e do número de filhos. Considerou-se um nível de significância de $\alpha=0.05$ para decisão estatística com base no *p-value* encontrado.

2.1. Idade dos pais

Com base no Quadro 7, é possível verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos etários, tanto ao nível do grau de envolvimento total como ao nível das várias subescalas. Deste modo, a variável idade não apresenta relevância como factor de variabilidade interindividual na nossa amostra.

Quadro 7 – Envolvimento paterno em função da idade dos pais (Valores médios, desvio-padrão e ANOVA)

	[28-38] (n=63)		[39-49] (n=73)		[50-60] (n=9)		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	F	<i>p</i>
EEP	66.15	8.46	66.48	8.73	70.00	5.31	0.823	0.441
Cuidados	20.60	3.56	20.93	3.06	21.00	2.73	0.189	0.828
Disponibilidade	25.58	4.21	25.76	4.13	27.33	3.08	0.709	0.494
Presença	10.79	3.54	10.94	3.26	13.00	2.54	1.728	0.181
Disciplina	9.17	1.51	9.20	1.65	8.66	1.73	0.458	0.633

2.2. Habilitações literárias

Tendo em conta as habilitações literárias, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos quatro grupos de pais, ao nível do envolvimento total e das várias subescalas (cf. Quadro 8). Os pais apresentam resultados médios aproximados, independentemente do grau de escolaridade que possuem.

Quadro 8 – Envolvimento paterno em função das habilitações literárias (Valores médios, desvio-padrão e ANOVA)

	E. Básico (n=22)		E. Secundário (n=52)		E. Médio (n=11)		E. Superior (n=60)		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	F	<i>p</i>
EEP	64.81	10.84	67.67	7.85	68.63	6.85	66.30	8.24	0.749*	0.481
Cuidados	20.09	3.50	20.98	3.42	21.27	3.13	20.80	3.07	0.473	0.702
Disponibilidade	24.90	5.48	26.78	3.40	25.45	3.53	25.30	4.11	1.693	0.171
Presença	11.09	3.68	10.73	2.95	12.36	3.10	10.96	3.64	0.713	0.546
Disciplina	8.72	1.83	9.17	1.58	9.54	1.36	9.23	1.56	0.792	0.500

* Foi utilizada a correcção de Welch, uma vez que as variâncias não são homogéneas

2.3. Nível sócio-económico

Novamente, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos sócio-económicos, ao nível do grau de envolvimento total e das várias subescalas (cf. Quadro 9). Na nossa amostra, o facto de pertencer a um nível sócio-económico baixo, médio ou elevado não é um factor determinante do grau de envolvimento paterno, não sendo relevante para dar conta de uma possível variabilidade interindividual.

Quadro 9 – Envolvimento paterno em função do nível sócio-económico (Valores médios, desvio-padrão e ANOVA)

	Baixo (n=22)		Médio (n=78)		Alto (n=45)		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	F	<i>p</i>
EEP	66.54	9.84	66.58	8.23	67.11	8.26	0.061	0.941
Cuidados	20.31	4.29	20.76	3.10	21.06	2.98	0.391	0.677
Disponibilidade	25.81	4.77	25.91	4.01	25.55	4.01	0.106	0.900
Presença	11.31	3.44	10.93	3.28	10.97	3.55	0.111	0.895
Disciplina	9.09	1.68	8.97	1.60	9.51	1.51	1.649	0.196

2.4. Número de filhos

Em função do número de filhos, apenas foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao nível da subescala *Disciplina*, como nos mostra o Quadro 10. Em todas as outras subescalas, bem como ao nível do envolvimento total, os grupos não diferem de forma significativa.

Quadro 10 – Envolvimento paterno em função do número de filhos (Valores médios, desvio-padrão e ANOVA)

	1 filho (n=36)		2 filhos (n=84)		3 ou mais filhos (n=25)		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	F	<i>p</i>
EEP	65.75	8.31	66.80	8.83	67.96	7.36	0.507	0.603
Cuidados	20.80	3.00	20.89	3.48	20.44	2.87	0.184	0.832
Disponibilidade	26.19	4.41	25.39	4.23	26.52	3.08	0.960	0.385
Presença	10.22	2.54	11.07	3.61	11.92	3.43	2.437*	0.149
Disciplina	8.52	1.64	9.45	1.49	9.08	1.65	4.464	0.013

* Foi utilizada a correcção de Welch, uma vez que as variâncias não são homogéneas

De acordo com o teste de Tukey, as médias da subescala *Disciplina* são significativamente diferentes entre o grupo de pais com 1 filho e o grupo de pais com 2 filhos (com um $p=0.010$), indicando que os pais com 2 filhos tendem a exercer com maior frequência as tarefas relacionadas com a disciplina e o estabelecimento de limites para o comportamento da criança, em relação ao grupo de pais com apenas um filho.

3. Associação entre o envolvimento paterno e factores pessoais e relacionais

De uma forma meramente descritiva, apresentam-se no Quadro 11 os resultados médios e respectivos desvios-padrão das escalas e subescalas utilizadas para avaliar a satisfação parental (ESP), o stress parental (EStP) e o ajustamento diádico (EAD).

Quadro 11 – Valores mínimos e máximos, médias e desvio-padrão das escalas ESP, EStP e EAD

<i>Instrumentos (N=145)</i>	<i>Valor Mínimo e Máximo</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
ESP			
Total	20 - 140	121,80	10,78
Prazeres da Parentalidade	10 - 70	64,86	5,12
Fardos da Parentalidade	2 - 14	8,74	2,72
Importância da Parentalidade	8 - 56	48,20	5,86
EStP			
Total	17 - 85	31,35	6,49
Preocupações Parentais	5 - 25	10,89	3,69
Satisfação Parental	5 - 25	6,33	1,70
Falta de Controlo	5 - 25	6,62	1,73
Medos e Angústias	2 - 10	7,49	1,98
EAD			
Total	0 - 151	118,30	13,22
Consenso	0 - 65	52,21	6,34
Satisfação	0 - 50	40,84	4,12
Expressão de Afecto	0 - 12	9,84	1,86
Coesão	0 - 24	15,39	4,05

No geral, os resultados permitem-nos perceber que os pais apresentam níveis elevados de satisfação parental, sendo a parentalidade uma dimensão importante na sua vida, da qual retiram um elevado prazer, com menor valorização dos “fardos” que lhe estão associados.

Ao nível do stress parental, os resultados encontram-se todos abaixo do valor médio, à exceção da subescala *Medos e Angústias*, relacionado com as preocupações relativas aos recursos pessoais necessários para o desempenho de um bom papel paterno (e.g., tempo, energia, competência). Contudo, tal não impede que os pais apresentem um baixo nível de stress associado à parentalidade, mais uma vez associado à satisfação que retiram do seu papel.

Por último, a escala de ajustamento diádico apresenta resultados bastante elevados, indicando que os pais da nossa amostra avaliam a sua relação conjugal de forma muito satisfatória, em qualquer uma das dimensões consideradas.

Finalmente, com vista a perceber de que forma os níveis de satisfação parental, stress parental e ajustamento conjugal encontrados podem estar associados ao grau de envolvimento paterno, foram realizadas análises correlacionais cujos resultados se resumem no Quadro 12.

Quadro 12 – Valores correlacionais entre envolvimento paterno e satisfação parental, stress parental e ajustamento diádico (PEARSON)

<i>Associação entre:</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Envolvimento paterno e Satisfação parental	0.147	0.079
Envolvimento paterno e Stress parental	-0.242	0.003
Envolvimento paterno e Ajustamento diádico	0.345	0.000

Com base no quadro, verificamos que é possível inferir uma associação entre o envolvimento paterno e alguns dos factores considerados, ainda que na maior parte dos casos as correlações sejam fracas a moderadas.

Especificamente, entre o envolvimento paterno e a satisfação parental a correlação positiva encontrada é de fraca magnitude e apenas marginalmente significativa ($r=0.147$; $p=0.079$), não podendo inferir-se com segurança da existência de uma associação. Entre o envolvimento paterno e o stress parental regista-se uma associação negativa estatisticamente significativa, ainda que com uma magnitude moderada ($r=-0.242$; $p=0.003$), sugerindo que maiores níveis de stress parental estão associados a um menor envolvimento paterno. Por último, é entre o envolvimento paterno e o ajustamento diádico que encontramos uma associação positiva mais elevada e estatisticamente significativa ($r=0.345$; $p=0.000$), indicadora de que maiores níveis de ajustamento conjugal estão associados a um maior envolvimento paterno.

V. Discussão

Tendo por base os objectivos definidos inicialmente, neste capítulo serão discutidos os principais resultados alcançados, juntamente com uma reflexão crítica sobre a investigação e as suas possíveis limitações.

De uma forma geral, a nossa amostra apresenta um grau de envolvimento paterno relativamente elevado, sobretudo indicando que os pais se percebem como figuras altamente disponíveis e participativas nos cuidados e na educação das crianças. Os resultados na dimensão *Cuidados* sugerem-nos que os pais se envolvem frequentemente na realização de algumas tarefas de cuidados directos à criança, tais como alimentá-la e deitá-la, com uma menor participação nas tarefas de dar banho e vestir. Algumas tarefas associadas ao desenvolvimento e educação da criança são também investidas pelos pais, nomeadamente a ajuda nos seus problemas pessoais, com uma menor frequência nas tarefas de ajuda às suas aprendizagens. Adicionalmente, é ao nível da dimensão *Disponibilidade* que os pais mostram os resultados médios mais elevados, sugerindo que estão frequentemente acessíveis e disponíveis para a interacção com a criança, apesar de uma menor participação ou *Presença* em determinados horários da rotina quotidiana da criança, o que poderá sobretudo dever-se às dificuldades em conciliar o horário profissional com o horário escolar da criança (e.g., hora do lanche dos filhos)

Ao nível da *Disciplina*, os resultados apontam para a partilha parental das decisões nesta área, bem como para o carácter ocasional do estabelecimento de limites de comportamento e de castigos por parte dos pais. Ponderando este conjunto de resultados, observa-se que estamos longe de uma representação de paternidade pautada pela função disciplinadora e de mero suporte à figura materna, mais característica de uma imagem tradicional de paternidade, que faz sobressair a função instrumental e de controlo dos pais. Especificamente, estes resultados vão ao encontro do ideal do “novo pai”, mais envolvido em diferentes dimensões da vida dos filhos do que os seus predecessores (e.g., cuidados físicos, suporte emocional, regulação do comportamento, interacção), e confirmam a tendência descrita na literatura acerca da maior participação do pai na vida familiar, com uma maior diluição dos efeitos do género dos progenitores no tipo de tarefas infantis realizadas (Cabrera et al., 2000; Deutsch, 2001; Hwang & Lamb, 1997; Lamb, 1999; Rouyer et al., 2007), o que poderá sugerir que os pais da nossa amostra apresentam atitudes mais igualitárias acerca dos papéis sexuais associados à parentalidade, que explicam a flexibilidade observada ao nível dos cuidados desempenhados.

Contudo, ao nível do envolvimento relativo, verifica-se a manutenção de algumas diferenças entre pais e mães na responsabilidade pela criança, em termos do tempo em que cada um é o principal cuidador. Os resultados médios obtidos na amostra permitem-nos observar que o tempo atribuído às mães e aos professores é superior ao tempo que os pais atribuem a si próprios como principais responsáveis, embora estas diferenças não sejam muito salientes (mãe=36,02%; professores=31,21% e pai=27,48%). Não deixa, contudo, de confirmar a tendência descrita noutros estudos, que mostram que, apesar dos pais se envolverem mais com os filhos em termos absolutos, este envolvimento continua a ser inferior ao envolvimento das mães, sobretudo na área da responsabilidade pela criança (Davis & Perkins, 1996; Jacobs & Kelley, 2006; Lamb et al., 1987; Lima, 2008).

Ao nível das variáveis individuais e sócio-demográficas avaliadas, verificou-se que os pais não diferem entre si em função da idade, das habilitações académicas e do nível sócio-económico, apenas se observando variação interindividual entre os pais com um filho e os pais com dois filhos ao nível da dimensão *Disciplina*, diferenças essas que já não se verificam no grupo de pais com três ou mais filhos. Estes resultados sugerem que os pais com dois filhos tendem a exercer com maior frequência tarefas relacionadas com o estabelecimento de limites e os castigos à criança, do que os pais com apenas um filho. Uma possível explicação para estas diferenças pode estar relacionada com a exigência de recursos adicionais ao nível dos cuidados e da supervisão que acompanham a existência de um segundo filho na família, potenciando a maior necessidade de controlar e regular o comportamento infantil por parte dos pais.

A inexistência de variação interindividual significativa em função das restantes variáveis identificadas não deixou, contudo, de causar alguma surpresa, tendo em conta outros estudos realizados nesta área. Se, por um lado, a avaliação do envolvimento paterno em função da idade dos pais tem dado origem a resultados contraditórios em vários estudos, por outro lado, as variáveis habilitações académicas e nível sócio-económico têm sido consideradas por diversos investigadores como fortes determinantes do grau de envolvimento paterno (Arendell, 1996; Cabrera, Shannon et al., 2007; Davis & Perkins, 1996; Yeung et al., 2001), o que neste estudo não se confirmou. A consideração destes aspectos leva-nos a ponderar uma série de factores relacionados quer com o instrumento utilizado, quer com a dimensão da amostra, que podem lançar diferentes hipóteses para a explicação destes resultados.

Em primeiro lugar, a Escala de Envolvimento Paterno foi construída no âmbito desta investigação, sendo por isso lógico hipotetizar acerca da sua capacidade

discriminativa. Nesse sentido, os itens que constituem a escala (ou seja, as situações e tarefas consideradas acerca do quotidiano dos cuidados e da relação pai-criança) podem ter revelado um fraco poder discriminativo dos sujeitos, considerando-se por isso útil proceder a novos estudos que confirmem esta hipótese e dêem origem a um refinamento do instrumento.

Em segundo lugar, embora a amostra total de pais apresente uma dimensão razoável, a criação de grupos de pais em função das várias categorias atribuídas a cada variável deu origem a sub-amostras bastante heterogéneas quanto à sua dimensão (confirmam-se os n de cada grupo apresentados nos quadros 7 a 10), podendo este desequilíbrio entre grupos ter prejudicado a avaliação das diferenças entre os pais. Tendo em conta esta limitação, consideramos que seria relevante repetir a aplicação da escala controlando de forma mais rigorosa a dimensão e características da amostra, com vista a garantir um número igual ou aproximado de sujeitos em cada grupo.

Para além das limitações assinaladas, que se referem aos aspectos metodológicos da realização do estudo, pensamos ser relevante salientar outras possíveis explicações para os resultados observados, que dizem respeito a factores relacionados com os sujeitos que participaram no estudo. Antes de mais, importa considerar que, tal como se referiu no capítulo referente aos procedimentos da investigação, embora a dimensão total da amostra seja razoável, não deixou de estar bastante aquém do que inicialmente teria sido desejado, tendo-se observado um grau de adesão ao estudo bastante baixo. Assim, a percentagem reduzida de pais que decidiram colaborar na investigação pode porventura dizer respeito aos pais que valorizam fortemente os seus papéis paternos e se consideram bastante envolvidos nas questões relacionadas com os cuidados e a educação das crianças, situação em que o grau de envolvimento paterno poderá ser relativamente independente das variáveis sócio-demográficas estudadas. Mais uma vez, apenas a realização de investigações adicionais com amostras de maior dimensão poderá ajudar-nos a esclarecer esta hipótese.

Por último, julgamos ainda bastante pertinente referir o possível impacto do factor de desejabilidade social nas respostas observadas. Com efeito, já anteriormente se referiu que os estudos que utilizam os pais como principais respondentes são ainda muito escassos, numa tradição empírica de considerar sobretudo as mães como fontes de informação privilegiada, o que vai também ao encontro de uma série de imagens sociais ainda bastante presentes na nossa sociedade (e.g., são as mães que conhecem melhor as crianças e o que se passa no quotidiano familiar, é às mães que se recorre

preferencialmente quando existe alguma questão relacionada com a criança). Este aspecto parece-nos muito relevante na ponderação dos resultados alcançados no nosso estudo, sugerindo que, perante a “novidade” de escolher os pais como participantes exclusivos, estes se tenham sentido fortemente impelidos a dar uma imagem positiva de si próprios, atribuindo à investigação um carácter de avaliação ou juízo relativamente à sua “competência” enquanto pais. O facto desta investigação ter sido realizada junto das escolas dos seus filhos parece-nos acrescentar um maior grau de probabilidade da ocorrência do fenómeno de desejabilidade social, apesar das garantias transmitidas acerca da confidencialidade e da independência da investigação. A prová-lo está o elevado número de questionários em branco que foram devolvidos em envelope fechado aos professores, para serem depois entregues à investigadora, salvaguardando desta forma uma imagem social positiva perante o professor apesar da efectiva não-participação.

O objectivo final do nosso estudo consistia na exploração de possíveis associações entre o grau de envolvimento paterno e alguns factores pessoais e relacionais. A este nível, os resultados da nossa amostra apontam para a relativa independência entre o grau de envolvimento e o grau de satisfação parental, o que nos sugere que, apesar dos pais apresentarem uma elevada satisfação associada à paternidade, esta não parece ser uma condição necessária ou um forte determinante do envolvimento nos cuidados e na educação dos filhos. A este respeito, a teoria da identidade (Stryker, 2007) parece-nos apropriada na compreensão deste resultado, ao fazer sobressair a relevância dos significados e da importância atribuída pelos homens à paternidade na explicação dos seus comportamentos, mais do que ao grau de satisfação que tiram do desempenho dos papéis parentais. Assim sendo, homens que valorizam a paternidade e que atribuem uma grande importância ao contributo do pai na vida e desenvolvimento dos filhos estarão mais motivados para se envolverem nos cuidados infantis, independentemente do grau de satisfação que tiram dessas tarefas.

Ao nível do stress parental, foi encontrada uma associação negativa moderada com o envolvimento paterno, o que vai ao encontro dos resultados encontrados noutros estudos internacionais, que registam sobretudo a existência de uma menor qualidade nas relações pais-filhos e um menor envolvimento perante maiores níveis de stress (Crnic et al., 2005; Guajardo et al., 2009; Whiteside et al., 2007). No mesmo sentido, embora apresentando diferentes resultados, observa-se que o grau de envolvimento paterno relativamente elevado da nossa amostra está associado a um grau muito baixo de stress parental, inferindo-se que estes pais não apresentam dificuldades significativas do ponto de vista dos

problemas e exigências pessoais associadas à paternidade. Embora os resultados registados na subescala *Medos e Angústias* indiquem algumas preocupações relacionadas com os recursos pessoais necessários ao desempenho de um bom papel paterno (nomeadamente em termos de tempo disponível e da energia e competências necessárias), estas não parecem originar níveis de stress elevados, pelo que nos parece bastante plausível supor que sejam o resultado das preocupações “normais” de pais altamente conscientes das dificuldades e importância do papel que desempenham na vida dos seus filhos.

Por fim, é ao nível do ajustamento conjugal que encontramos uma associação positiva mais elevada com o envolvimento paterno, o que mais uma vez confirma a tendência registada pela grande maioria dos estudos nesta área, que relatam que a qualidade afectiva da relação conjugal é um forte determinante do envolvimento paterno nos cuidados infantis (Adamsons et al., 2007; Bonney et al., 1999; Bradford & Hawkins, 2006; Jacobs & Kelley, 2006; Lewis & Lamb, 2003; NICHD, 2000; Rouyer et al., 2007). A noção de que os comportamentos paternos são altamente sensíveis à influência dos factores conjugais (Belsky, 1984; Doherty et al., 1998) vai ao encontro dos resultados encontrados na nossa amostra, sendo este o factor que apresentou o valor correlacional mais elevado, em comparação com os factores pessoais estudados. Com efeito, a amostra do nosso estudo apresenta resultados elevados em todas as dimensões avaliadas pela escala, demonstrando que aspectos como o consenso entre os cônjuges, a satisfação com a relação, a expressão de afecto e a coesão conjugal poderão ser determinantes na forma como os pais irão exercer a sua paternidade, pelo apoio e suporte emocional que providenciam e que poderá contribuir de forma significativa para uma maior proximidade e participação na vida familiar e na relação com a criança. Podemos ainda supor, em consonância com o expresso por Doherty et al., (1998), que o maior envolvimento paterno nestes casos pode dever-se, não apenas à expressão da valorização pessoal da paternidade e da satisfação a ela associada, como ainda a uma forma de demonstrar afecto e parceria relativamente à esposa, o que poderá explicar a tendência para uma maior partilha de decisões, tarefas e responsabilidades em relações mais harmoniosas, tal como descrita por Cummings e O'Reilly (1997). No nosso estudo, esta hipótese encontra algum apoio quando consideramos novamente os resultados registados na Escala de Envolvimento Paterno, que nos permitem inferir sobre a flexibilidade dos papéis que os pais desempenham face aos filhos (cuidados directos, apoio emocional, socialização), a par da partilha de decisões no domínio da disciplina da criança.

VI. Conclusões

Este estudo pretendeu dar um contributo modesto para o conhecimento da paternidade em Portugal, especificamente explorando o grau de envolvimento paterno nos cuidados e educação da criança. Do conjunto de dados reunidos, salienta-se a presença de um grau relativamente elevado de envolvimento paterno na amostra estudada, apresentando os pais uma elevada disponibilidade e participação em tarefas de cuidados directos e de acompanhamento pessoal à criança. Considerando os restantes factores avaliados, os pais mostraram estar altamente satisfeitos com a paternidade, exibindo um baixo grau de stress parental e uma percepção bastante satisfatória da qualidade da relação conjugal. Particularmente, o envolvimento paterno registado demonstrou estar associado a um baixo grau de stress parental e a um grau elevado de ajustamento conjugal, confirmando o carácter multideterminado do envolvimento dos pais na vida dos filhos.

Apesar de não podermos garantir a representatividade da nossa amostra face à população de pais portugueses, julgamos que os resultados alcançados ao nível do envolvimento paterno traduzem a tendência de mudança dos papéis e comportamentos paternos que vêm sendo observada em vários países ocidentais e se encontra descrita na generalidade da literatura na área da família. Com efeito, e em concordância com o que defendem Rouyer et al. (2007), actualmente não faz sentido atribuir ao pai um papel específico na vida familiar, dada a cada vez maior flexibilidade dos papéis observados. Na nossa amostra, foi possível verificar que tarefas tradicionalmente associadas aos cuidados maternos (nomeadamente tarefas de cuidados físicos) são frequentemente desempenhadas pelos pais, diluindo-se possíveis efeitos de género na gestão das responsabilidades de pais e mães nos cuidados infantis. Por outro lado, os resultados apontam também para uma elevada satisfação associada à paternidade, o que nos parece reflectir a tendência observada em muitos homens para assumir um protagonismo mais activo na vida dos filhos (Hwang & Lamb, 1997; Gomez, 2005), traduzido na maior proximidade, disponibilidade e participação nos cuidados infantis, no acompanhamento do desenvolvimento pessoal da criança e na sua educação.

Contudo, observou-se também que estas tendências de mudança não deixam de ser acompanhadas pela manutenção de diferenças entre pais e mães na responsabilidade principal pelos cuidados à criança, quando consideramos o envolvimento relativo dos pais. Embora estes “novos” pais estejam mais disponíveis para o desempenho de diferentes tarefas relacionadas com os filhos, continua a ser à mãe que cabe a maior percentagem de

tempo enquanto principal cuidadora da criança, de acordo com os relatos paternos, o que corrobora o que vários estudos internacionais têm registado, embora consideremos que as diferenças registadas na nossa amostra não foram muito elevadas.

No entanto, estes resultados sugerem-nos diferentes interpretações possíveis, que julgamos pertinente referir. Por um lado, poderão ser o resultado de uma representação de parentalidade que continua a atribuir uma maior importância à figura materna, resultando na “cedência” da responsabilidade às mães na dinâmica familiar ou na menor motivação para assumir a responsabilidade exclusiva pela criança mais frequentemente. Por outro lado, não deixa de ser relevante pensar que determinados factores sociais podem também explicar estas diferenças, nomeadamente ao nível das interacções sociais e das barreiras impostas pelo contexto profissional, tal como refere Deutsch (2001). Dito de outro modo, continua a não ser esperado que sejam os homens a privilegiar a família em detrimento da carreira profissional, a faltar ao trabalho quando o filho está doente, ou a sair mais cedo por compromissos familiares, levando muitas vezes a que seja mais difícil ao homem reivindicar os seus direitos parentais, pelo receio de que a sua situação profissional seja prejudicada ou de uma reacção social negativa. A este respeito, Deutsch (2001) exemplifica dizendo que normalmente não se questiona o homem sobre os seus planos de trabalho após o nascimento de um filho, bem como não se costuma elogiar as mães pelos comportamentos cuidadores, o que acontece frequentemente com os pais, quando mudam a fralda ao bebé, quando o acalmam ou adormecem.

Se, por um lado, os valores e representações sociais divulgam o ideal da “nova paternidade”, por outro lado, as práticas sociais observadas apresentam-se ainda um pouco desfasadas, tornando a imagem do “bom pai” bastante confusa para os homens que desejam assumir um protagonismo mais activo na vida dos seus filhos. Julgamos que qualquer estudo que pretenda conhecer a realidade da paternidade não pode desvalorizar estes factores do contexto social mais alargado, privilegiando uma perspectiva ecológica na compreensão das dinâmicas familiares.

Terminado o estudo, a exaustiva revisão de literatura realizada permitiu-nos, *a posteriori*, identificar alguns aspectos que nos parecem relevantes para investigações futuras, com vista ao aprofundamento progressivo do conhecimento sobre a paternidade em Portugal. Em primeiro lugar, pensamos que seria importante alargar o leque de variáveis individuais e sócio-demográficas avaliadas, incluindo aspectos relacionados com a situação profissional de ambos os pais (e.g., situação profissional, tipo de profissão, período normal de trabalho e número de horas diárias), de forma a perceber qual o impacto

que a situação profissional de cada um poderá ter no envolvimento dos pais. Por outro lado, julgamos também pertinente a utilização em estudos futuros de metodologias qualitativas associadas à aplicação dos questionários de auto-resposta, o que não foi realizado neste estudo por limitações de tempo e dada a ambição inicial quanto à dimensão da amostra. Pensamos que a utilização complementar de entrevistas de resposta aberta pode ser extraordinariamente útil, permitindo aprofundar questões relacionadas com a identidade paterna, a representação da paternidade e os significados, importâncias e sentimentos associados aos vários papéis desempenhados pelos pais na relação com os filhos, criando espaço para que as auto-percepções avaliadas pelos questionários sejam complementadas e melhor contextualizadas com a reflexão e discursos dos pais.

Referências

- Abidin, R. R. (1992). The determinants of parenting behaviour. *Journal of Clinical Child Psychology*, 21(4), 407-412.
- Adamsons, K., O'Brien, M., & Pasley, K. (2007). An ecological approach to father involvement in biological and stepfather families. *Fathering*, 5(2), 129-147.
- Amâncio, L., & Wall, K. (2004). Famílias e papéis de género: Alguns dados recentes do Family and Gender Survey (ISSP). *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Universidade de Coimbra, Portugal.
- Arendell, T. (1996). Co-parenting: Review of the literature. *National Center on Fathers and Families*. Consultado em 10 de Agosto de 2009 através de <http://www.ncoff.gse.upenn.edu/litrev/co-litrev.pdf>
- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2(XXII), 377-386.
- Bárcea, S., & Veríssimo, M. (2008). Avaliação da satisfação parental: Adaptação do Parental Satisfaction Scale (Halverson & Duke, 1991). *Actas da XIII Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Universidade do Minho, Braga. Consultado em 10 de Agosto de 2009 através de http://www.ispa.pt/NR/rdonlyres/72621EB3-0914-4D47-ADBF-74C75F1716EA/0/BarciaVerissimo_avaliacaoSatisfacoParental.pdf
- Baxter, C., Cummins, R. A., & Yiolitis, L. (2000). Parental stress attributed to family members with and without disability: A longitudinal study. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 25(2), 105-118.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Bonds, D. D., Gondoli, D. M., Sturge-Apple, M. L., & Salem, L. N. (2002). Parenting stress as a mediator of the relation between parenting support and optimal parenting. *Parenting: Science and Practice*, 2(4), 409-435.
- Bonney, J. F., Kelley, M. L., & Levant, R. F. (1999). A model of fathers' behavioural involvement in child care in dual-earner families. *Journal of Family Psychology*, 13(3), 401-415.
- Bornstein, M. H. (2005). Parenting matters. *Infant and Child Development*, 14, 311-314.
- Bornstein, M. H., Hendricks, C., Hahn, C-S., Haynes, O. M., Painter, K. M., & Tamis-LeMonda, C. S. (2003). Contributors to self-perceived competence, satisfaction, investment, and role balance in maternal parenting: A multivariate ecological analysis. *Parenting: Science and Practice*, 3(4), 285-326.
- Bouchard, G., Lee, C. M., Asgary, V., & Pelletier, L. (2007). Fathers' motivation for involvement with their children: A self-determination theory perspective. *Fathering*, 5(1), 25-41.
- Bradford, K., & Hawkins, A. J. (2006). Learning competent fathering: A longitudinal analysis of marital intimacy and fathering. *Fathering*, 4(3), 215-234.

- Brown, G. L., McBride, B. A., Shin, N., & Bost, K. K. (2007). Parenting predictors of father-child attachment security: Interactive effects of father involvement and fathering quality. *Fathering, 5*(3), 197-219.
- Cabrera, N., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2007). Modeling the dynamics of paternal influences on children over the life course. *Applied Development Science, 11*(4), 185-189.
- Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & Tamis-LeMonda, C. (2007). Fathers' influence on their children's cognitive and emotional development: From toddlers to pre-K. *Applied Development Science, 11*(4), 208-213.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development, 71*(1), 127-136.
- Camus, J., & Frascarolo, F. (2003). Introduction of the special issue on fatherhood. *European Journal of Psychology of Education, 18*(2), 95-99.
- Chang, Y., & Fine, M. A. (2007). Modeling parenting stress trajectories among low-income young mothers across the child's second and third years: Factors accounting for stability and change. *Journal of Family Psychology, 21*(4), 584-594.
- Crníc, K. A., Gaze, C., & Hoffman, C. (2005). Cumulative parenting stress across the preschool period: Relations to maternal parenting and child behaviour at age 5. *Infant and Child Development, 14*, 117-132.
- Crníc, K. A., & Greenberg, M. T. (1990). Minor parenting stresses with young children. *Child Development, 61*, 1628-1637.
- Cummings, E. M., & O'Reilly, A. W. (1997). Fathers in family context: Effects of marital quality on child adjustment. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3rd ed., pp. 49-65). New York: Wiley.
- Davis, J. E., & Perkins, W. E. (1996). Fathers' care: A review of the literature. *National Center on Fathers and Families*. Consultado em 10 de Agosto de 2009 através de <http://www.ncoff.gse.upenn.edu/litrev/litrev.htm>
- Day, R. D., & Lamb, M. E. (2004). Conceptualizing and measuring father involvement: Pathways, problems, and progress. In R. D. Day, & M. E. Lamb (Eds.), *Conceptualizing and measuring father involvement* (pp.1-13). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Deater-Deckard, K. (2005). Parenting stress and children's development: Introduction to the special issue. *Infant and Child Development, 14*, 111-115.
- Deater-Deckard, K., & Scarr, S. (1996). Parenting stress among dual-earner mothers and fathers: Are there gender differences? *Journal of Family Psychology, 10*(1), 45-59.
- Deutsch, F. M. (2001). Equally shared parenting. *Current Directions in Psychological Science, 10*(1), 25-28.
- Doherty, W. J., Kounesky, E. F., & Erickson, M. F. (1998). Responsible fathering: An overview and conceptual framework. *Journal of Marriage and the Family, 60*, 277-292.
- Elek, S. M., Hudson, D. B., & Bouffard, C. (2003). Marital and parenting satisfaction and infant care self-efficacy during the transition to parenthood: The effect of infant sex. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing, 26*, 45-57.

- Featherstone, B. (2004). Fathers matter: A research review. *Children & Society, 18*, 312-319.
- Finley, G. E., Mira, S. D., & Schwartz, S. J. (2008). Perceived paternal and maternal involvement: Factor structures, mean differences, and parental roles. *Fathering, 6*(1), 62-82.
- Fitzgerald, H. E., Mann, T., & Barratt, M. (1999). Fathers and infants. *Infant Mental Health Journal, 20* (3), 213-221.
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2003). What predicts fathers' involvement with their children? A prospective study of intact families. *British Journal of Developmental Psychology, 21*, 81-98.
- Ford, J. J., Nalbone, D. P., Wetchler, J. L., & Sutton, P. M. (2008). Fatherhood: How differentiation and identity status affect attachment to children. *The American Journal of Family Therapy, 36*, 284-299.
- Gomez, R. M. (2005). O pai: Paternidade em transição. In, I. Leal (Coord.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp.257-285). Lisboa: Fim de Século.
- Gomez, R., & Leal, I. (2008). Ajustamento conjugal: Características psicométricas da versão portuguesa da Dyadic Adjustment Scale. *Análise Psicológica, 26*(4), 625-638.
- Guajardo, N. R., Snyder, G., & Petersen, R. (2009). Relationships among parenting practices, parental stress, child behaviour, and children's social-cognitive development. *Infant and Child Development, 18*, 37-60.
- Haskett, M. E., Ahern, L. S., Ward, C. S., & Allaire, J. C. (2006). Factor structure and validity of the Parenting Stress Index–Short Form. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 35*(2), 302-312.
- Henley, K., & Pasley, K. (2005). Conditions affecting the association between father identity and father involvement. *Fathering, 3*(1), 59-80.
- Hudson, D. B., Elek, S. M., & Fleck, M. O. (2001). First-time mothers' and fathers' transition to parenthood: Infant care, self-efficacy, parenting satisfaction, and infant sex. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing, 24*, 31-43.
- Hudson, D. B., Campbell-Grossman, C., Fleck, M. O., Elek, S. M., & Shipman, A. (2003). Effects of the New Father Network on first-time fathers' parenting self-efficacy and parenting satisfaction during the transition to parenthood. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing, 26*, 217-229.
- Huth-Bocks, A. C., & Hughes, H. M. (2008). Parenting stress, parenting behaviour, and children's adjustment in families experiencing intimate partner violence. *Journal of Family Violence, 23*, 243-251.
- Hwang, C.-P., & Lamb, M. E. (1997). Father involvement in Sweden: A longitudinal study of its stability and correlates. *International Journal of Behavioral Development, 21*(3), 621-632.
- Jacobs, J. N., & Kelley, M. L. (2006). Predictors of paternal involvement in childcare in dual-earner families with young children. *Fathering, 4*(1), 23-47.
- Johnston, C., & Mash, E. J. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology, 18*(2), 167-175.

- Klitzing, K. V., Simoni, H., Amsler, F., & Bürgin, D. (1999). The role of the father in early family interactions. *Infant Mental Health Journal*, 20 (3), 222-237.
- Kurdek, L. A. (1996). Parenting satisfaction and marital satisfaction in mothers and fathers with young children. *Journal of Family Psychology*, 10(3), 331-341.
- Lamb, M. E. (1987). Introduction: The emergent american father. In, M. E. Lamb (Ed.), *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp.3-25). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*, 1 (X), 19-34.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In, J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp.111-142). New York: Aldine de Gruyter.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Leal, I., & Maroco, J. (2009). *Avaliação em parentalidade e sexualidade*. Porto: Livpsic.
- Lee, C.-Y. S., & Doherty, W. J. (2007). Marital satisfaction and father involvement during the transition to parenthood. *Fathering*, 5(2), 75-96.
- Lewis, C., & Lamb, M. E. (2003). Fathers' influence on children's development: The evidence from two-parent families. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 211-228.
- Liebman, S. J., & Abell, S. C. (2000). The forgotten parent no more: A psychoanalytic reconsideration of fatherhood. *Psychoanalytic Psychology*, 17(1), 88-105.
- Lima, J. A. R. (2008, Fevereiro). O tempo e as formas de envolvimento do pai em tarefas de socialização dos filhos em idade pré-escolar. Acta do 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança. Universidade do Minho, Braga. Consultado em 10 de Agosto de 2009 através de http://sigarra.up.pt/fpceup/publs_web.show_publ_file?p_id=27841&pv_nocache=20080918032937
- Marks, L., & Palkovitz, R. (2004). American fatherhood types: The good, the bad and the uninterested. *Fathering*, 2(2), 113-129.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.
- Matta, D. S., & Knudson-Martin, C. (2006). Father responsivity: Couple processes and the coconstruction of fatherhood. *Family Process*, 45(1), 19-37.
- McPherson, A. V., Lewis, K. M., Lynn, A. E., Haskett, M. E., & Behrend, T. S. (2009). Predictors of parenting stress for abusive and nonabusive mothers. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 61-69.
- Mehall, K. G., Spinrad, T. L., Eisenberg, N., & Gaertner, B. M. (2009). Examining the relations of infant temperament and couples' marital satisfaction to mother and father involvement: A longitudinal study. *Fathering*, 7(1), 23-48.

- Mitchell, S. J., See, H. M., Tarkow, A. K. H., Cabrera, N., McFadden, K. E., & Shannon, J. D. (2007). Conducting studies with fathers: Challenges and opportunities. *Applied Development Science, 11*(4), 239-244.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica, 26*(3), 395-409.
- NICHD Early Child Care Research Network (2000). Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children. *Journal of Family Psychology, 14*(2), 200-219
- Östberg, M. (1998). Parental stress, psychosocial problems and responsiveness in help-seeking parents with small (2-45 months old) children. *Acta Paediatrica, 87*, 69-76.
- Östberg, M., Hagekull, B., & Hagelin, E. (2007). Stability and prediction of parenting stress. *Infant and Child Development, 16*, 207-223.
- Palkovitz, R. (2007). Challenges to modeling dynamics in developing a developmental understanding of father-child relationships. *Applied Development Science, 11*(4), 190-195.
- Palkovitz, R., & Palm, G. (2009). Transitions within fathering. *Fathering, 7*(1), 3-22.
- Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In, M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 3. Being and becoming a parent* (2nd ed., pp.27-74). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Pedersen, F. A. (1985). Research and the father: Where do we go from here? In, S. M. H. Hanson, & F. W. Bozett (Eds.), *Dimensions of fatherhood* (pp. 437-450). Beverly Hills: Sage Publications.
- Phares, V. (1992). Where's poppa? The relative lack of attention to the role of fathers in child and adolescent psychopathology. *American Psychologist, 47* (5), 656-664.
- Phares, V., Fields, S., Kamboukos, D., & Lopez, E. (2005). Still looking for poppa. *American Psychologist, 60*(7), 735-736.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal involvement by U.S. residential fathers: Levels, sources, and consequences. In, M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4th ed., pp.222-271). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Putnick, D. L., Bornstein, M. H., Collins, W. A., Hendricks, C., Painter, K. M., & Suwalsky, T. D. (2008). Parenting stress, perceived parenting behaviors, and adolescent self-concept in european american families. *Journal of Family Psychology, 22*(5), 752-762.
- Radin, N. (1994). Primary-caregiving fathers in intact families. In, A. E. Gottfried, & A. W. Gottfried (Eds.), *Redefining families: Implications for children's development* (pp.11- 54). New York: Plenum Press.
- Robb, M. (2004). Exploring fatherhood: Masculinity and intersubjectivity in the research process. *Journal of Social Work Practice, 18*(3), 395-406.
- Roggman, L. A., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Raikes, H. (2002). Methodological, measurement, and design issues in studying fathers: An interdisciplinary perspective. In, C. S. Tamis-LeMonda, & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of father involvement: Multidisciplinary perspectives* (pp.1-30). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

- Rouyer, V., Frascarolo, F., Zaouche-Gaudron, C. & Lavanchy, C. (2007). Fathers of girls, fathers of boys: Influence of child's gender on fathers' experience of, engagement in, and representations of paternity. *Swiss Journal of Psychology*, 66 (4), 225-233.
- Schoppe-Sullivan, S. J., McBride, B. A., & Ho, M.-H. R. (2004). Unidimensional versus multidimensional perspectives on father involvement. *Fathering*, 2(2), 147-163.
- Seward, R. R., & Richter, R. (2008). International research on fathering: An expanding horizon. *Fathering*, 6(2), 87-91.
- Shannon, J. D., Tamis-LeMonda, C. S., & Cabrera, N. J. (2006). Fathering in infancy: Mutuality and stability between 8 and 16 months. *Parenting: Science and Practice*, 6(2-3), 167-188.
- Stryker, S. (2007). Identity theory and personality theory: Mutual relevance. *Journal of Personality*, 75(6), 1083-1102.
- Tamis-LeMonda, C. S. (2004). Conceptualizing fathers' roles: Playmates and more. *Human Development*, 47, 220-227.
- Webster-Stratton, C. (1990). Stress: A potential disruptor of parent perceptions and family interactions. *Journal of Clinical Child Psychology*, 19(4), 302-312.
- Whiteside-Mansell, L., Ayoub, C., McKelvey, L., Faldowski, R. A., Hart, A., & Shears, J. (2007). Parenting stress of low-income parents of toddlers and preschoolers: Psychometric properties of a short form of the Parenting Stress Index. *Parenting: Science and Practice*, 7(1), 27-56.
- Wood, J. J., & Repetti, R. L. (2004). What gets dad involved? A longitudinal study of change in parental child caregiving involvement. *Journal of Family Psychology*, 18(1), 237-249.
- Yeung, W. J., Sandberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal of Marriage & the Family*, 63(1), 136-154.

ANEXOS

Anexo 1. Informação entregue aos pais sobre a investigação

Informação sobre a Investigação

Os questionários que a seguir se apresentam fazem parte de uma investigação sobre ***Envolvimento Paterno***, no âmbito do mestrado em Psicologia da Gravidez e da Parentalidade, sob orientação da Prof. Doutora Isabel Leal. Destinam-se a ser respondidos exclusivamente por pais, com vista ao aumento do conhecimento acerca da paternidade na população portuguesa.

Se é verdade que damos cada vez mais importância ao papel do pai no desenvolvimento das crianças, são, no entanto, ainda poucos os estudos que procuram dar voz aos pais e compreender de que forma exercem a sua paternidade, aspecto que motivou a realização desta investigação. Desta forma, é pedido o seu valioso contributo no preenchimento dos questionários que se seguem, através dos quais será possível reunir informações sobre o envolvimento paterno dos pais portugueses.

A sua participação será **anónima e confidencial**, garantindo-se o acesso aos resultados alcançados pelo estudo, se assim o desejar. A colaboração da escola baseia-se unicamente na entrega e posterior recolha dos envelopes com os questionários, os quais se destinam a ser analisados unicamente pela investigadora.

Caso aceite participar, por favor responda sozinho aos questionários que se seguem (frente e verso das folhas) num prazo de duas semanas. Após terminar, devolva o envelope (fechado) com os questionários ao professor(a), que se encarregará de entrar em contacto com a investigadora para a sua recolha. Caso surja alguma dúvida e deseje entrar em contacto com a investigadora, poderá fazê-lo em qualquer altura para um dos seguintes contactos: 965117341 ou ritamcss@yahoo.com. De igual modo, se desejar ter acesso aos resultados finais do estudo, bastará enviar um e-mail para o endereço indicado com o respectivo pedido. Prevê-se que a investigação esteja finalizada em Novembro de 2009, altura em que os resultados alcançados lhe serão disponibilizados.

Anexo 2. Questionário sócio-demográfico**DADOS PESSOAIS****Data de Nascimento:** ___ / ___ / _____**Nacionalidade:** Portuguesa Outra Qual? _____**Zona de Residência:** Cascais Oeiras Lisboa **Habilitações Académicas:**1º Ciclo do Ensino Básico / Antiga 4ª classe (4 anos de escolaridade) 2ª Ciclo do Ensino Básico / Antigo ciclo preparatório (6 anos de escolaridade) 3º Ciclo do Ensino Básico / Antigo 5º ano liceal (9 anos de escolaridade) Ensino Secundário / Antigo 7º ano liceal (12 anos de escolaridade) Ensino Médio (Bacharelato) Ensino Superior (Licenciatura, mestrado, doutoramento) **Profissão actual:** _____**DADOS FAMILIARES****Estado Civil:**Solteiro Casado / União de facto Divorciado Viúvo **Nº. de filhos:** _____

Indique por favor a data de nascimento e sexo do(s) seu(s) filho(s):

Data Nascimento ___ / ___ / _____ Sexo _____

Data Nascimento ___ / ___ / _____ Sexo _____

Data Nascimento ___ / ___ / _____ Sexo _____

Data Nascimento ___ / ___ / _____ Sexo _____

Núcleo Familiar composto por: _____

Vive actualmente com a mãe dos seus filhos? Sim Não

Vive actualmente com os seus filhos? Sim Não

Caso existam filhos de outras relações (passadas ou actuais), por favor especifique a sua situação familiar: _____

Em caso de **separação / divórcio** da mãe dos seus filhos:

a) Quem detém a guarda parental das crianças?

O próprio (pai)

A mãe

Ambos

Outra situação Por favor especifique: _____

b) Caso não detenha a guarda das crianças, qual a periodicidade com que está com os seus filhos?

Diária

Semanal

Quinzenal

Mensal

Outra Por favor especifique: _____

Anexo 3. Escala de Envolvimento Paterno (Simões, Leal & Maroco, 2009)

Instruções: Pretende-se perceber a frequência com que ocorrem determinadas situações relacionadas com o dia-a-dia familiar e os cuidados e educação das crianças. Por favor responda a cada questão indicando com uma cruz a resposta que melhor se adequa à sua experiência pessoal com o seu filho(a).

Com que frequência realiza as seguintes tarefas?

	<i>Sempre</i>	<i>Frequentemente</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Raramente</i>	<i>Nunca</i>
1) Alimentar a criança					
2) Castigar a criança					
3) Estabelecer limites para o comportamento da criança					
4) Ajudar a criança nos problemas pessoais					
5) Dar banho e vestir a criança					
6) Deitar a criança					
7) Ajudar a criança a aprender					

Com que frequência você está:

	<i>Sempre</i>	<i>Frequentemente</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Raramente</i>	<i>Nunca</i>
8) Fora de casa e longe da criança durante semanas e meses					
9) Fora de casa durante dias seguidos					
10) Fora de casa nos fins-de-semana					
11) Fora de casa pelo menos 4 noites por semana					
12) Fora de casa pelo menos 2 noites por semana					
13) Ausente durante o jantar com a criança pelo menos 2 noites por semana					
14) Presente durante a semana nos pequenos-almoços com a criança e restante família					
15) Em casa à hora do lanche durante a semana					
16) Em casa ao final do dia quando a criança chega da escola					
17) Em casa o dia inteiro durante a semana, com a criança e restante família					

18) Na sua família, quem é que geralmente decide quando as crianças devem ser disciplinadas?

*Sempre o
pai*

*Mais o pai
do que a mãe*

*Tanto a mãe
como o pai*

*Mais a mãe
do que o pai*

*Sempre a
mãe*

19) Como classifica o seu grau de envolvimento na prestação de cuidados à criança?

*Muito
envolvido*

Envolvido

Neutro

*Pouco
envolvido*

Nada envolvido

20) Qual a percentagem de tempo em que o seu filho/a está ao cuidado das seguintes pessoas?

Você: ____ %

O Cônjuge: ____ %

Outros familiares: ____ %

Os professores/educadores: ____ %

Anexo 4. Escala de Satisfação Parental [versão adaptada para a população portuguesa por Martins & Leal (2005), publicada em Leal & Maroco, 2009].

Instruções: Apresentam-se de seguida várias afirmações sobre parentalidade. Num momento ou noutro, a maioria das pessoas têm muitos dos pensamentos contidos nessas afirmações. Gostaríamos de saber com que frequência é que tem ou tem tido esses pensamentos. Não existem respostas certas ou erradas, apenas responda às questões o mais rapidamente possível, assinalando o n.º que melhor se lhe adequa para cada afirmação.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo Sempre	Discordo Frequentemente	Discordo Ocasionalmente	Não Concordo nem Discordo	Concordo Ocasionalmente	Concordo Frequentemente	Concordo Sempre

1. Tenho um grande prazer em ser pai___
2. Estar com o(s) meu (s) filho (s) é uma grande fonte de satisfação para mim___
3. Sinto-me feliz como pai, de uma forma geral___
4. Observar os filhos a crescer e a desenvolverem-se é especialmente satisfatório___
5. A paternidade é o aspecto mais importante da vida___
6. Divirto-me frequentemente com o(s) meu(s) filho(s) em casa___
7. O(s) meu(s) filho(s) limita(m) a minha liberdade___
8. Comparando com um emprego fora de casa, a educação do(s) meu(s) filho(s) é mais satisfatória___
9. Para mim, ser pai é um dos maiores objectivos na vida___
10. Ser capaz de providenciar um bom lar para o(s) meu(s) filho(s) tem sido a grande fonte de satisfação para mim___
11. A educação do(s) meu(s) filho(s) é uma das coisas mais estimulantes que posso imaginar___
12. Tento estar com o(s) meu(s) filho(s) o mais que posso, porque é sempre um prazer para mim___
13. Ser pai sempre foi agradável para mim___
14. Fico contente só de pensar nos momentos que passo com o(s) meu(s) filho(s)___
15. Ser pai é a melhor forma para alcançar a realização pessoal___
16. Gosto muito de falar sobre o(s) meu(s) filho(s)___
17. É difícil ficar preso em casa com os filhos___
18. Adoro passar o tempo a ver o(s) meu(s) filho(s)___
19. Estar com o(s) meu(s) filho(s) é mais aborrecido do que eu esperaria___
20. A escala que se segue representa diferentes graus de satisfação no papel de pai. Por favor, **marque o número** que melhor descreve o seu grau de satisfação em ser pai

1	2	3	4	5	6	7
Extremamente Insatisfeito	Bastante Insatisfeito	Pouco Insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Extremamente Satisfeito	Não poderia ser melhor

Anexo 5. Escala de Stress Parental [versão adaptada para a população portuguesa por Mixão, Leal & Maroco (2005), publicada em Leal & Maroco, 2009].

Instruções: As seguintes afirmações descrevem sentimentos e percepções acerca da experiência de ser pai. Pense em cada um dos itens em termos de como é, tipicamente, a sua relação com o seu filho(a) ou filhos. Por favor, indique até que ponto concorda ou discorda dos seguintes itens, colocando o número no respectivo espaço, de acordo com a grelha seguinte.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Totalmente

1. Estou contente no meu papel de pai _____
2. Faço tudo o que for preciso pelo(s) meu(s) filho(s) _____
3. Cuidar do(s) meu(s) filho(s) por vezes exige mais tempo e energia do que aquele que tenho para dar _____
4. As vezes penso se faço o suficiente pelo(s) meu(s) filho(s) _____
5. Sinto-me próximo do(s) meu(s) filho(s) _____
6. Gosto de passar tempo com o (s) meu(s) filho(s) _____
7. O(s) meu(s) filho(s) é uma importante fonte de afecto para mim _____
8. A maior fonte de stress na minha vida é o meu(s) filho(s) _____
9. Ter um filho(s) deixa-me pouco tempo e não me permite uma grande flexibilidade na minha vida _____
10. Ter um filho(s) tem sido um peso financeiro _____
11. É difícil contrabalançar diferentes responsabilidades por causa do(s) meu(s) filho(s) _____
12. O comportamento do(s) meu(s) filho(s) é muitas vezes embaraçador ou stressante para mim _____
13. Se fizesse tudo de novo decidia não ter filho(s) _____
14. Eu sinto-me oprimido(a) pela responsabilidade de ser pai _____
15. Ter um filho(s) significa ter poucas escolhas e pouco controlo sobre a minha vida _____
16. Sinto-me satisfeito(a) como pai _____
17. Acho o(s) meu(s) filho(s) adoráveis _____

Anexo 6. Escala de Ajustamento Diádico [versão adaptada para a população portuguesa por Gomez e Leal (2004), publicada em Gomez & Leal, 2008].

Instruções: De seguida, encontram-se referidas algumas áreas que podem gerar acordo ou desacordo entre os elementos de um casal. Por favor, indique em relação a cada uma, o grau aproximado de concordância existente entre si e o seu companheiro(a):

	<i>Sempre de acordo</i>	<i>Quase sempre de acordo</i>	<i>Ocasionalmente em desacordo</i>	<i>Frequentemente em desacordo</i>	<i>Quase sempre em desacordo</i>	<i>Sempre em desacordo</i>
1. Finanças familiares						
2. Aspectos ligados a divertimentos						
3. Religião						
4. Demonstrações de afecto						
5. Amigos						
6. Relações sexuais						
7. Convencionalismo (considerar o que é um comportamento correcto ou apropriado)						
8. Filosofia de vida						
9. Formas de lidar com familiares						
10. Objectivos e coisas consideradas importantes						
11. Quantidade de tempo passado em conjunto						
12. Tomada de decisões importantes						
13. Tarefas domésticas						
14. Interesses e actividades nos tempos-livres						
15. Decisões profissionais						

	<i>Sempre</i>	<i>Quase sempre</i>	<i>Frequentemente</i>	<i>Ocasionalmente</i>	<i>Raramente</i>	<i>Nunca</i>
Com que frequência fala sobre, ou tem considerado, o divórcio, a separação ou o fim da relação?						
Com que frequência você ou a sua companheira sai de casa depois de uma discussão?						
Considera que, de forma geral, as coisas com a sua companheira correm bem?						
Confia na sua companheira?						
Alguma vez lamenta ter-se casado (ou viver junto)?						
Com que frequência você e a sua companheira discutem?						
Com que frequência você ou a sua companheira deixa o outro com «os nervos à flor da pele»?						

	<i>Todos os dias</i>	<i>Quase todos os dias</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Raramente</i>	<i>Nunca</i>
Costuma beijar a sua companheira?					

	<i>Todos</i>	<i>A maioria</i>	<i>Alguns</i>	<i>Muito poucos</i>	<i>Nenhum</i>
Você e a sua companheira têm actividades e interesses fora de casa em que se envolvem juntos?					

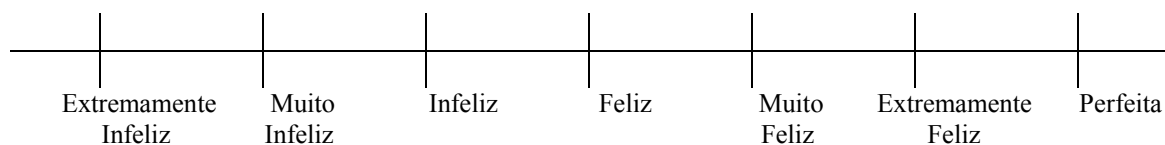
Com que frequência acontecem as seguintes situações entre si e a sua companheira?

	<i>Nunca</i>	<i>Menos do que uma vez por mês</i>	<i>Uma ou duas vezes por mês</i>	<i>Uma ou duas vezes por semana</i>	<i>Uma vez por dia</i>	<i>Mais do que uma vez por dia</i>
Terem uma troca de ideias estimulante						
Rirem em conjunto						
Discutirem calmamente um assunto						
Trabalharem juntos num projecto						

Por favor, indique se nas últimas semanas têm existido diferenças de opinião ou problemas na relação relativamente aos seguintes aspectos:

	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
Estar demasiado cansado para ter relações sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de demonstração de amor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Os traços da seguinte linha representam diferentes graus de felicidade na relação conjugal. O traço do meio («feliz») caracteriza a maioria das relações. Por favor, considerando a vossa relação na globalidade, assinale o grau de felicidade que a caracteriza.



Qual das seguintes afirmações descreve melhor o que sente sobre o futuro da sua relação conjugal?

- Quero desesperadamente que a minha relação tenha sucesso *e faria tudo o que fosse necessário* para isso
- Quero muito que a minha relação tenha sucesso *e farei tudo* para isso
- Quero muito que a minha relação tenha sucesso *e farei o que estiver ao meu alcance* para isso
- Seria bom que a minha relação tivesse sucesso, mas *não posso fazer muito mais do que tenho feito* para isso
- Seria bom que a minha relação tivesse sucesso mas *não posso fazer mais do que tenho feito* para isso
- A minha relação nunca poderá ter sucesso e *nada mais posso fazer* para isso

Anexo 7. Outputs relativos à caracterização da amostra do estudo

Idade dos Pais

Statistics		
N	Valid	145
	Missing	0
Mean		40,1448
Std. Error of Mean		,44775
Median		39,0000
Std. Deviation		5,39158
Skewness		,901
Std. Error of Skewness		,201
Kurtosis		1,319
Std. Error of Kurtosis		,400
Minimum		28,00
Maximum		59,00
Percentiles	25	37,0000
	50	39,0000
	75	42,5000

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid [28-38]	63	43,4	43,4	43,4
[39-49]	73	50,3	50,3	93,8
[50-60]	9	6,2	6,2	100,0
Total	145	100,0	100,0	

Zona de Residência

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Cascais	113	77,9	77,9	77,9
Oeiras	22	15,2	15,2	93,1
Lisboa	2	1,4	1,4	94,5
Sintra	2	1,4	1,4	95,9
Mafra	1	,7	,7	96,6
Não responde	5	3,4	3,4	100,0
Total	145	100,0	100,0	

Habilitações Académicas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Ensino Básico	22	15,2	15,2	15,2
Ensino Secundário	52	35,9	35,9	51,0
Ensino Médio / Bacharelato	11	7,6	7,6	58,6
Ensino Superior	60	41,4	41,4	100,0
Total	145	100,0	100,0	

Situação Profissional

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Com actividade profissional	132	91,0	91,0	91,0
Desempregado	4	2,8	2,8	93,8
Reformado	1	,7	,7	94,5
Não responde	8	5,5	5,5	100,0
Total	145	100,0	100,0	

Nível Sócio-económico

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Baixo	22	15,2	15,2	15,2
Médio	78	53,8	53,8	69,0
Alto	45	31,0	31,0	100,0
Total	145	100,0	100,0	

Número de Filhos

Statistics

N	Valid	145
	Missing	0
Mean		1,9931
Std. Error of Mean		,06674
Median		2,0000
Mode		2,00
Std. Deviation		,80361
Skewness		,989
Std. Error of Skewness		,201
Kurtosis		1,502
Std. Error of Kurtosis		,400
Minimum		1,00
Maximum		5,00
Sum		289,00
Percentiles	25	1,5000
	50	2,0000
	75	2,0000

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1 filho	36	24,8	24,8	24,8
2 filhos	84	57,9	57,9	82,8
3 ou mais filhos	25	17,2	17,2	100,0
Total	145	100,0	100,0	

Anexo 8. Outputs relativos à caracterização da amostra de validação

Idade dos Pais

Statistics		
N	Valid	154
	Missing	0
Mean		40,1818
Std. Error of Mean		,42972
Median		39,0000
Mode		38,00 ^a
Std. Deviation		5,33266
Skewness		,859
Std. Error of Skewness		,195
Kurtosis		1,267
Std. Error of Kurtosis		,389
Minimum		28,00
Maximum		59,00
Sum		6188,00
Percentiles	25	37,0000
	50	39,0000
	75	43,0000

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

Estado Civil

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Solteiro	1	,6	,6	,6
	Casado / União de facto	146	94,8	94,8	95,5
	Divorciado	7	4,5	4,5	100,0
	Total	154	100,0	100,0	

Habilitações Académicas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	2º Ciclo do Ensino Básico	5	3,2	3,2	3,2
	3º Ciclo do Ensino Básico	19	12,3	12,3	15,6
	Ensino Secundário	54	35,1	35,1	50,6
	Ensino Médio / Bacharelato	11	7,1	7,1	57,8
	Ensino Superior	65	42,2	42,2	100,0
	Total	154	100,0	100,0	

Situação Profissional

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Com actividade profissional	141	91,6	91,6	91,6
	Desempregado	4	2,6	2,6	94,2
	Reformado	1	,6	,6	94,8
	Não responde	8	5,2	5,2	100,0
	Total	154	100,0	100,0	

Nível Sócio-económico

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Baixo	24	15,6	15,6	15,6
Médio	82	53,2	53,2	68,8
Alto	48	31,2	31,2	100,0
Total	154	100,0	100,0	

Número de Filhos

Statistics

N	Valid	154
	Missing	0
Mean		1,9805
Std. Error of Mean		,06610
Median		2,0000
Mode		2,00
Std. Deviation		,82026
Skewness		,972
Std. Error of Skewness		,195
Kurtosis		1,281
Std. Error of Kurtosis		,389
Minimum		1,00
Maximum		5,00
Sum		305,00
Percentiles	25	1,0000
	50	2,0000
	75	2,0000

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1 filho	41	26,6	26,6	26,6
2 filhos	86	55,8	55,8	82,5
3 ou mais filhos	27	17,5	17,5	100,0
Total	154	100,0	100,0	

Anexo 9. Outputs da validação da Escala de Envolvimento Paterno

Sensibilidade dos itens

	Statistics						
	Median	Skewness	Std. Error of Skewness	Kurtosis	Std. Error of Kurtosis	Minimum	Maximum
1. Com que frequência alimenta a criança	3,0000	-,855	,195	,363	,389	1,00	5,00
2. Com que frequência tem responsabilidade total pela criança	4,0000	-,792	,195	,292	,389	1,00	5,00
3. Com que frequência castiga a criança	3,0000	-,058	,195	-,441	,389	1,00	4,00
4. Com que frequência estabelece limites para o comportamento da criança	3,0000	-,373	,195	,288	,389	1,00	5,00
5. Com que frequência ajuda a criança nos problemas pessoais	3,5000	-1,063	,195	1,286	,389	1,00	5,00
6. Com que frequência dá banho e veste a criança	3,0000	-,279	,195	-,681	,389	1,00	5,00
7. Com que frequência deita a criança	4,0000	-,878	,195	,191	,389	1,00	5,00
8. Com que frequência ajuda a criança a aprender	3,0000	-,727	,195	1,254	,389	1,00	5,00
9. Com que frequência está fora de casa e longe da criança durante semanas e meses	5,0000	-2,590	,195	7,494	,389	1,00	5,00
10. Com que frequência está fora de casa durante dias seguidos	4,0000	-,915	,195	-,045	,389	1,00	5,00
11. Com que frequência está fora de casa nos fins-de-semana	5,0000	-1,227	,195	1,159	,389	1,00	5,00
12. Com que frequência está fora de casa pelo menos 4 noites por semana	5,0000	-2,089	,195	3,802	,389	1,00	5,00
13. Com que frequência está fora de casa pelo menos 2 noites por semana	5,0000	-1,352	,195	1,084	,389	1,00	5,00
14. Com que frequência está ausente durante o jantar com a criança pelo menos 2 noites por semana	4,0000	-,582	,195	-,807	,389	1,00	5,00
15. Com que frequência está presente durante a semana nos pequenos-almoços com a criança e restante família	4,0000	-,361	,195	-1,182	,389	1,00	5,00
16. Com que frequência está em casa à hora do lanche durante a semana	2,0000	,863	,195	-,132	,389	1,00	5,00
17. Com que frequência está em casa ao final do dia quando a criança chega da escola	4,0000	-,307	,195	-1,206	,389	1,00	5,00
18. Com que frequência está em casa o dia inteiro durante a semana, com a criança e restante família	2,0000	1,374	,195	1,811	,389	1,00	5,00
19. Quem geralmente decide quando as crianças devem ser disciplinadas	3,0000	-,166	,195	,352	,389	1,00	5,00
20. Quem geralmente decide quando as crianças são suficientemente crescidas para experimentar coisas novas	3,0000	,206	,195	2,273	,389	1,00	5,00
21. Como classifica o seu grau de envolvimento na prestação de cuidados à criança	5,0000	-1,839	,195	6,297	,389	1,00	5,00

Validade Factorial

Descriptive Statistics

	Mean	Std. Deviation	Analysis N
1. Com que frequência alimenta a criança	3,2143	,91440	154
2. Com que frequência tem responsabilidade total pela criança	3,3961	,74464	154
3. Com que frequência castiga a criança	2,7143	,77303	154
4. Com que frequência estabelece limites para o comportamento da criança	3,3766	,67715	154
5. Com que frequência ajuda a criança nos problemas pessoais	3,3896	,73486	154
6. Com que frequência dá banho e veste a criança	2,9156	1,04757	154
7. Com que frequência deita a criança	3,2987	,92975	154
8. Com que frequência ajuda a criança a aprender	3,3377	,73405	154
9. Com que frequência está fora de casa e longe da criança durante semanas e meses	4,6818	,69267	154
10. Com que frequência está fora de casa durante dias seguidos	4,1234	,98570	154
11. Com que frequência está fora de casa nos fins-de-semana	4,3182	,86095	154
12. Com que frequência está fora de casa pelo menos 4 noites por semana	4,4805	,97163	154
13. Com que frequência está fora de casa pelo menos 2 noites por semana	4,1623	1,11713	154
14. Com que frequência está ausente durante o jantar com a criança pelo menos 2 noites por semana	3,6688	1,25274	154
15. Com que frequência está presente durante a semana nos pequenos-almoços com a criança e restante família	3,4740	1,34406	154
16. Com que frequência está em casa à hora do lanche durante a semana	2,1169	1,16005	154
17. Com que frequência está em casa ao final do dia quando a criança chega da escola	3,3701	1,36698	154
18. Com que frequência está em casa o dia inteiro durante a semana, com a criança e restante família	1,8506	,98871	154
19. Quem geralmente decide quando as crianças devem ser disciplinadas	3,0325	,68043	154
20. Quem geralmente decide quando as crianças são suficientemente crescidas para experimentar coisas novas	2,9935	,57731	154
21. Como classifica o seu grau de envolvimento na prestação de cuidados à criança	4,5065	,64925	154

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,800
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	1152,710
	df	210
	Sig.	,000

Communalities

	Initial	Extraction
1. Com que frequência alimenta a criança	1,000	,503
2. Com que frequência tem responsabilidade total pela criança	1,000	,364
3. Com que frequência castiga a criança	1,000	,537
4. Com que frequência estabelece limites para o comportamento da criança	1,000	,550
5. Com que frequência ajuda a criança nos problemas pessoais	1,000	,494
6. Com que frequência dá banho e veste a criança	1,000	,433
7. Com que frequência deita a criança	1,000	,554
8. Com que frequência ajuda a criança a aprender	1,000	,399
9. Com que frequência está fora de casa e longe da criança durante semanas e meses	1,000	,490
10. Com que frequência está fora de casa durante dias seguidos	1,000	,644
11. Com que frequência está fora de casa nos fins-de-semana	1,000	,417
12. Com que frequência está fora de casa pelo menos 4 noites por semana	1,000	,785
13. Com que frequência está fora de casa pelo menos 2 noites por semana	1,000	,801
14. Com que frequência está ausente durante o jantar com a criança pelo menos 2 noites por semana	1,000	,587
15. Com que frequência está presente durante a semana nos pequenos-almoços com a criança e restante família	1,000	,423
16. Com que frequência está em casa à hora do lanche durante a semana	1,000	,478
17. Com que frequência está em casa ao final do dia quando a criança chega da escola	1,000	,528
18. Com que frequência está em casa o dia inteiro durante a semana, com a criança e restante família	1,000	,572
19. Quem geralmente decide quando as crianças devem ser disciplinadas	1,000	,667
20. Quem geralmente decide quando as crianças são suficientemente crescidas para experimentar coisas novas	1,000	,257
21. Como classifica o seu grau de envolvimento na prestação de cuidados à criança	1,000	,504

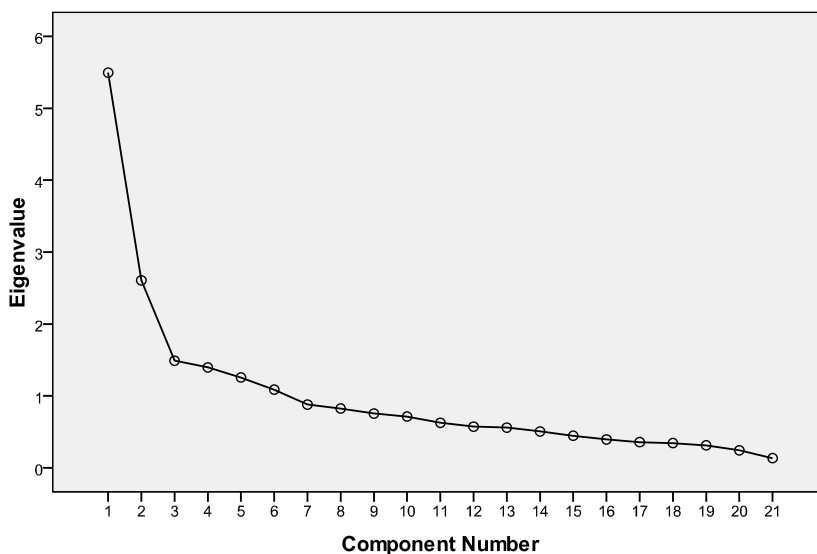
Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	5,495	26,165	26,165	5,495	26,165	26,165	3,792	18,058	18,058
2	2,608	12,417	38,581	2,608	12,417	38,581	3,110	14,810	32,869
3	1,490	7,093	45,675	1,490	7,093	45,675	2,093	9,969	42,837
4	1,396	6,647	52,322	1,396	6,647	52,322	1,992	9,484	52,322
5	1,257	5,986	58,308						
6	1,087	5,175	63,483						
7	,881	4,194	67,677						
8	,824	3,926	71,603						
9	,754	3,593	75,196						
10	,712	3,392	78,588						
11	,627	2,987	81,575						
12	,573	2,728	84,303						
13	,560	2,667	86,970						
14	,506	2,408	89,378						
15	,446	2,123	91,500						
16	,395	1,880	93,380						
17	,357	1,698	95,078						
18	,343	1,635	96,713						
19	,312	1,487	98,200						
20	,244	1,160	99,360						
21	,134	,640	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Scree Plot



Rotated Component Matrix^a

	Component			
	1	2	3	4
1. Com que frequência alimenta a criança	,118	,669	,093	,180
2. Com que frequência tem responsabilidade total pela criança	,130	,399	,358	,245
3. Com que frequência castiga a criança	,041	,016	,651	,332
4. Com que frequência estabelece limites para o comportamento da criança	,043	,262	,675	,156
5. Com que frequência ajuda a criança nos problemas pessoais	,123	,663	,188	,064
6. Com que frequência dá banho e veste a criança	-,148	,640	-,001	,027
7. Com que frequência deita a criança	,074	,736	-,030	,078
8. Com que frequência ajuda a criança a aprender	,119	,617	,063	,024
9. Com que frequência está fora de casa e longe da criança durante semanas e meses	,656	,131	,206	-,016
10. Com que frequência está fora de casa durante dias seguidos	,799	-,033	,057	,026
11. Com que frequência está fora de casa nos fins-de-semana	,635	,100	-,042	,054
12. Com que frequência está fora de casa pelo menos 4 noites por semana	,866	,089	,151	,071
13. Com que frequência está fora de casa pelo menos 2 noites por semana	,890	-,031	,057	,071
14. Com que frequência está ausente durante o jantar com a criança pelo menos 2 noites por semana	,619	,281	,145	,321
15. Com que frequência está presente durante a semana nos pequenos-almoços com a criança e restante família	,356	,215	,081	,494
16. Com que frequência está em casa à hora do lanche durante a semana	,109	,075	,095	,672
17. Com que frequência está em casa ao final do dia quando a criança chega da escola	,313	,295	,244	,533
18. Com que frequência está em casa o dia inteiro durante a semana, com a criança e restante família	-,071	,093	,031	,746
19. Quem geralmente decide quando as crianças devem ser disciplinadas	,159	,025	,799	-,050
20. Quem geralmente decide quando as crianças são suficientemente crescidas para experimentar coisas novas	,132	,174	,350	-,294
21. Como classifica o seu grau de envolvimento na prestação de cuidados à criança	,144	,607	,323	,101

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 5 iterations.

Component Transformation Matrix

Component	1	2	3	4
1	,654	,539	,396	,355
2	-,727	,641	,171	,175
3	-,203	-,539	,468	,670
4	-,051	-,092	,771	-,628

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Component Score Coefficient Matrix

	Component			
	1	2	3	4
1. Com que frequência alimenta a criança	-,011	,236	-,065	,011
2. Com que frequência tem responsabilidade total pela criança	-,027	,079	,128	,057
3. Com que frequência castiga a criança	-,073	-,126	,360	,136
4. Com que frequência estabelece limites para o comportamento da criança	-,071	-,007	,358	-,006
5. Com que frequência ajuda a criança nos problemas pessoais	-,009	,234	,005	-,070
6. Com que frequência dá banho e veste a criança	-,072	,266	-,079	-,051
7. Com que frequência deita a criança	-,008	,294	-,136	-,045
8. Com que frequência ajuda a criança a aprender	,006	,238	-,061	-,077
9. Com que frequência está fora de casa e longe da criança durante semanas e meses	,181	,002	,049	-,096
10. Com que frequência está fora de casa durante dias seguidos	,242	-,055	-,037	-,046
11. Com que frequência está fora de casa nos fins-de-semana	,193	,016	-,104	-,023
12. Com que frequência está fora de casa pelo menos 4 noites por semana	,246	-,026	-,007	-,047
13. Com que frequência está fora de casa pelo menos 2 noites por semana	,267	-,063	-,050	-,025
14. Com que frequência está ausente durante o jantar com a criança pelo menos 2 noites por semana	,144	,032	-,039	,103
15. Com que frequência está presente durante a semana nos pequenos-almoços com a criança e restante família	,058	,003	-,062	,244
16. Com que frequência está em casa à hora do lanche durante a semana	-,029	-,069	-,029	,389
17. Com que frequência está em casa ao final do dia quando a criança chega da escola	,023	,010	,027	,246
18. Com que frequência está em casa o dia inteiro durante a semana, com a criança e restante família	-,085	-,055	-,062	,453
19. Quem geralmente decide quando as crianças devem ser disciplinadas	-,022	-,100	,477	-,126
20. Quem geralmente decide quando as crianças são suficientemente crescidas para experimentar coisas novas	,024	,054	,208	-,248
21. Como classifica o seu grau de envolvimento na prestação de cuidados à criança	-,016	,187	,090	-,055

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Component Scores.

Fiabilidade

Escala Total

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,846	,848	21

Dimensão Cuidados

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,755	,766	6

Dimensão Disponibilidade

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,856	,860	6

Dimensão Presença

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,648	,656	4

Dimensão Disciplina

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,647	,649	3

Anexo 10. Outputs dos resultados obtidos na Escala de Envolvimento Paterno e respectivas subescalas

Statistics

Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno

N	Valid	145
	Missing	0
Mean		66,7448
Std. Error of Mean		,70152
Std. Deviation		8,44737
Skewness		-,693
Std. Error of Skewness		,201
Kurtosis		,539
Std. Error of Kurtosis		,400
Minimum		41,00
Maximum		85,00

Statistics

	Dimensão "Cuidados"	Dimensão "Disponibilidade"	Dimensão "Presença"	Dimensão "Disciplina"
N	Valid	145	145	145
	Missing	0	0	0
Mean	20,7931	25,7862	11,0069	9,1586
Std. Error of Mean	,27050	,34131	,28000	,13264
Median	21,0000	27,0000	11,0000	9,0000
Mode	21,00 ^a	28,00 ^a	12,00	9,00
Std. Deviation	3,25725	4,10992	3,37165	1,59720
Skewness	-,711	-1,455	,164	-,305
Std. Error of Skewness	,201	,201	,201	,201
Kurtosis	,284	1,988	-,263	-,239
Std. Error of Kurtosis	,400	,400	,400	,400
Minimum	11,00	12,00	4,00	5,00
Maximum	26,00	30,00	20,00	12,00

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

Envolvimento Relativo

Statistics

	Percentagem de tempo em que o filho está ao seu cuidado	Percentagem de tempo em que o filho está ao cuidado da mãe	Percentagem de tempo em que o filho está ao cuidado de outros familiares	Percentagem de tempo em que o filho está ao cuidado de professores/educadores
N	Valid	145	145	145
	Missing	0	0	0
Mean	27,4876	36,0276	5,2724	31,2131
Median	30,0000	35,0000	2,0000	30,0000
Mode	30,00	30,00	,00	30,00
Std. Deviation	11,41386	13,02184	7,09560	17,78614
Minimum	8,00	10,00	,00	,00
Maximum	53,00	90,00	30,00	70,00
Sum	3985,70	5224,00	764,50	4525,90

Anexo 11. Outputs da análise do envolvimento paterno em função da idade dos pais

Tests of Normality

	Intervalos de Idades	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	[28-38]	,108	63	,067	,976	63	,245
	[39-49]	,119	73	,012	,946	73	,004
	[50-60]	,160	9	,200*	,934	9	,525
Dimensão "Cuidados"	[28-38]	,130	63	,010	,905	63	,000
	[39-49]	,094	73	,182	,955	73	,010
	[50-60]	,198	9	,200*	,922	9	,413
Dimensão "Disponibilidade"	[28-38]	,190	63	,000	,872	63	,000
	[39-49]	,180	73	,000	,828	73	,000
	[50-60]	,261	9	,077	,828	9	,043
Dimensão "Presença"	[28-38]	,122	63	,021	,966	63	,078
	[39-49]	,120	73	,011	,976	73	,169
	[50-60]	,167	9	,200*	,966	9	,856
Dimensão "Disciplina"	[28-38]	,169	63	,000	,935	63	,002
	[39-49]	,136	73	,002	,948	73	,004
	[50-60]	,243	9	,134	,896	9	,229

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	Based on Mean	1,084	2	142	,341
	Based on Median	,950	2	142	,389
	Based on Median and with adjusted df	,950	2	136,541	,389
	Based on trimmed mean	1,056	2	142	,350
Dimensão "Cuidados"	Based on Mean	1,037	2	142	,357
	Based on Median	,868	2	142	,422
	Based on Median and with adjusted df	,868	2	138,090	,422
	Based on trimmed mean	,849	2	142	,430
Dimensão "Disponibilidade"	Based on Mean	,365	2	142	,695
	Based on Median	,397	2	142	,673
	Based on Median and with adjusted df	,397	2	141,492	,673
	Based on trimmed mean	,282	2	142	,755
Dimensão "Presença"	Based on Mean	1,070	2	142	,346
	Based on Median	1,055	2	142	,351
	Based on Median and with adjusted df	1,055	2	140,367	,351
	Based on trimmed mean	1,062	2	142	,348
Dimensão "Disciplina"	Based on Mean	,689	2	142	,504
	Based on Median	,658	2	142	,519
	Based on Median and with adjusted df	,658	2	140,722	,519
	Based on trimmed mean	,689	2	142	,504

ANOVA

Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	117,803	2	58,902	,823	,441
Within Groups	10157,755	142	71,533		
Total	10275,559	144			

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Dimensão "Cuidados"	Between Groups	4,056	2	2,028	,189	,828
	Within Groups	1523,737	142	10,731		
	Total	1527,793	144			
Dimensão "Disponibilidade"	Between Groups	24,061	2	12,031	,709	,494
	Within Groups	2408,311	142	16,960		
	Total	2432,372	144			
Dimensão "Presença"	Between Groups	38,895	2	19,447	1,728	,181
	Within Groups	1598,098	142	11,254		
	Total	1636,993	144			
Dimensão "Disciplina"	Between Groups	2,355	2	1,177	,458	,633
	Within Groups	364,997	142	2,570		
	Total	367,352	144			

Anexo 12. Outputs da análise do envolvimento paterno em função das habilitações literárias

Tests of Normality

Habilitações Académicas		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	Ensino Básico	,171	22	,095	,922	22	,084
	Ensino Secundário	,139	52	,014	,929	52	,004
	Ensino Médio / Bacharelato	,131	11	,200 [*]	,970	11	,883
	Ensino Superior	,095	60	,200 [*]	,985	60	,656
Dimensão "Cuidados"	Ensino Básico	,171	22	,092	,944	22	,243
	Ensino Secundário	,175	52	,000	,865	52	,000
	Ensino Médio / Bacharelato	,156	11	,200 [*]	,922	11	,336
	Ensino Superior	,121	60	,030	,950	60	,015
Dimensão "Disponibilidade"	Ensino Básico	,194	22	,031	,834	22	,002
	Ensino Secundário	,173	52	,000	,811	52	,000
	Ensino Médio / Bacharelato	,380	11	,000	,686	11	,000
	Ensino Superior	,168	60	,000	,889	60	,000
Dimensão "Presença"	Ensino Básico	,117	22	,200 [*]	,964	22	,578
	Ensino Secundário	,103	52	,200 [*]	,978	52	,430
	Ensino Médio / Bacharelato	,183	11	,200 [*]	,969	11	,874
	Ensino Superior	,105	60	,097	,978	60	,363
Dimensão "Disciplina"	Ensino Básico	,123	22	,200 [*]	,930	22	,122
	Ensino Secundário	,206	52	,000	,923	52	,003
	Ensino Médio / Bacharelato	,200	11	,200 [*]	,909	11	,237
	Ensino Superior	,126	60	,019	,945	60	,009

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	Based on Mean	2,782	3	141	,043
	Based on Median	1,918	3	141	,129
	Based on Median and with adjusted df	1,918	3	128,484	,130
	Based on trimmed mean	2,693	3	141	,048
Dimensão "Cuidados"	Based on Mean	,043	3	141	,988
	Based on Median	,051	3	141	,985
	Based on Median and with adjusted df	,051	3	127,142	,985
	Based on trimmed mean	,039	3	141	,990
Dimensão "Disponibilidade"	Based on Mean	2,932	3	141	,036
	Based on Median	2,024	3	141	,113
	Based on Median and with adjusted df	2,024	3	123,865	,114
	Based on trimmed mean	2,771	3	141	,044
Dimensão "Presença"	Based on Mean	1,105	3	141	,349
	Based on Median	1,192	3	141	,315
	Based on Median and with adjusted df	1,192	3	137,793	,315
	Based on trimmed mean	1,115	3	141	,345
Dimensão "Disciplina"	Based on Mean	,543	3	141	,654
	Based on Median	,471	3	141	,703
	Based on Median and with adjusted df	,471	3	139,607	,703
	Based on trimmed mean	,551	3	141	,648

ANOVA

Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	177,698	3	59,233	,827	,481
Within Groups	10097,860	141	71,616		
Total	10275,559	144			

Robust Tests of Equality of Means

Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno

	Statistic ^a	df1	df2	Sig.
Welch	,749	3	37,823	,530

a. Asymptotically F distributed.

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Dimensão "Cuidados"	Between Groups	15,212	3	5,071	,473	,702
	Within Groups	1512,581	141	10,728		
	Total	1527,793	144			
Dimensão "Disponibilidade"	Between Groups	84,554	3	28,185	1,693	,171
	Within Groups	2347,819	141	16,651		
	Total	2432,372	144			
Dimensão "Presença"	Between Groups	24,465	3	8,155	,713	,546
	Within Groups	1612,528	141	11,436		
	Total	1636,993	144			
Dimensão "Disciplina"	Between Groups	6,085	3	2,028	,792	,500
	Within Groups	361,267	141	2,562		
	Total	367,352	144			

Anexo 13. Outputs da análise do envolvimento paterno em função do nível sócio-económico

Tests of Normality

	Estatuto Sócio-económico	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	Baixo	,200	22	,022	,941	22	,203
	Médio	,089	78	,194	,965	78	,031
	Alto	,146	45	,017	,952	45	,063
Dimensão "Cuidados"	Baixo	,199	22	,023	,880	22	,012
	Médio	,094	78	,087	,951	78	,004
	Alto	,149	45	,014	,933	45	,012
Dimensão "Disponibilidade"	Baixo	,191	22	,036	,822	22	,001
	Médio	,201	78	,000	,839	78	,000
	Alto	,173	45	,002	,878	45	,000
Dimensão "Presença"	Baixo	,124	22	,200	,958	22	,458
	Médio	,104	78	,038	,978	78	,197
	Alto	,098	45	,200	,978	45	,542
Dimensão "Disciplina"	Baixo	,159	22	,151	,949	22	,296
	Médio	,173	78	,000	,935	78	,001
	Alto	,204	45	,000	,937	45	,017

a. Lilliefors Significance Correction / *. This is a lower bound of the true significance.

Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	Based on Mean	,676	2	142	,511
	Based on Median	,413	2	142	,662
	Based on Median and with adjusted df	,413	2	138,949	,662
	Based on trimmed mean	,567	2	142	,568
Dimensão "Cuidados"	Based on Mean	2,869	2	142	,060
	Based on Median	1,783	2	142	,172
	Based on Median and with adjusted df	1,783	2	116,648	,173
	Based on trimmed mean	2,480	2	142	,087
Dimensão "Disponibilidade"	Based on Mean	,544	2	142	,581
	Based on Median	,339	2	142	,713
	Based on Median and with adjusted df	,339	2	136,895	,713
	Based on trimmed mean	,449	2	142	,639
Dimensão "Presença"	Based on Mean	,049	2	142	,952
	Based on Median	,037	2	142	,964
	Based on Median and with adjusted df	,037	2	139,377	,964
	Based on trimmed mean	,060	2	142	,942
Dimensão "Disciplina"	Based on Mean	,380	2	142	,685
	Based on Median	,351	2	142	,705
	Based on Median and with adjusted df	,351	2	140,797	,705
	Based on trimmed mean	,391	2	142	,677

ANOVA

Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	8,788	2	4,394	,061	,941
Within Groups	10266,771	142	72,301		
Total	10275,559	144			

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Dimensão "Cuidados"	Between Groups	8,374	2	4,187	,391	,677
	Within Groups	1519,419	142	10,700		
	Total	1527,793	144			
Dimensão "Disponibilidade"	Between Groups	3,617	2	1,808	,106	,900
	Within Groups	2428,756	142	17,104		
	Total	2432,372	144			
Dimensão "Presença"	Between Groups	2,563	2	1,282	,111	,895
	Within Groups	1634,430	142	11,510		
	Total	1636,993	144			
Dimensão "Disciplina"	Between Groups	8,340	2	4,170	1,649	,196
	Within Groups	359,011	142	2,528		
	Total	367,352	144			

Anexo 14. Outputs da análise do envolvimento paterno em função do número de filhos

Tests of Normality

Número de filhos	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk			
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.	
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	1 filho	,123	36	,185	,920	36	,013
	2 filhos	,116	84	,007	,970	84	,051
	3 ou mais filhos	,129	25	,200*	,965	25	,530
Dimensão "Cuidados"	1 filho	,143	36	,061	,928	36	,022
	2 filhos	,111	84	,012	,924	84	,000
	3 ou mais filhos	,119	25	,200*	,966	25	,557
Dimensão "Disponibilidade"	1 filho	,316	36	,000	,704	36	,000
	2 filhos	,138	84	,000	,891	84	,000
	3 ou mais filhos	,244	25	,000	,878	25	,006
Dimensão "Presença"	1 filho	,148	36	,045	,962	36	,254
	2 filhos	,090	84	,093	,974	84	,081
	3 ou mais filhos	,137	25	,200*	,940	25	,148
Dimensão "Disciplina"	1 filho	,180	36	,005	,948	36	,093
	2 filhos	,155	84	,000	,935	84	,000
	3 ou mais filhos	,161	25	,095	,941	25	,156

a. Lilliefors Significance Correction / *. This is a lower bound of the true significance.

Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	Based on Mean	,323	2	142	,725
	Based on Median	,294	2	142	,746
	Based on Median and with adjusted df	,294	2	138,963	,746
	Based on trimmed mean	,309	2	142	,735
Dimensão "Cuidados"	Based on Mean	,812	2	142	,446
	Based on Median	,792	2	142	,455
	Based on Median and with adjusted df	,792	2	138,018	,455
	Based on trimmed mean	,781	2	142	,460
Dimensão "Disponibilidade"	Based on Mean	1,067	2	142	,347
	Based on Median	1,244	2	142	,291
	Based on Median and with adjusted df	1,244	2	131,212	,292
	Based on trimmed mean	1,089	2	142	,339
Dimensão "Presença"	Based on Mean	3,275	2	142	,041
	Based on Median	3,359	2	142	,038
	Based on Median and with adjusted df	3,359	2	139,129	,038
	Based on trimmed mean	3,300	2	142	,040
Dimensão "Disciplina"	Based on Mean	,150	2	142	,861
	Based on Median	,159	2	142	,853
	Based on Median and with adjusted df	,159	2	140,996	,853
	Based on trimmed mean	,153	2	142	,859

ANOVA

Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	72,896	2	36,448	,507	,603
Within Groups	10202,662	142	71,850		
Total	10275,559	144			

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Dimensão "Cuidados"	Between Groups	3,959	2	1,979	,184	,832
	Within Groups	1523,835	142	10,731		
	Total	1527,793	144			
Dimensão "Disponibilidade"	Between Groups	32,458	2	16,229	,960	,385
	Within Groups	2399,915	142	16,901		
	Total	2432,372	144			
Dimensão "Presença"	Between Groups	43,359	2	21,680	1,932	,149
	Within Groups	1593,634	142	11,223		
	Total	1636,993	144			
Dimensão "Disciplina"	Between Groups	21,730	2	10,865	4,464	,013
	Within Groups	345,622	142	2,434		
	Total	367,352	144			

Robust Tests of Equality of Means

		Statistic ^a	df1	df2	Sig.
Dimensão "Presença"	Welch	2,437	2	60,377	,096

a. Asymptotically F distributed.

Anexo 15. Outputs dos resultados obtidos nas restantes escalas e respectivas subescalas

Escala de Satisfação Parental

		Statistics			
		Valor total obtido – Grau de Satisfação Parental	Dimensão "Prazeres da Parentalidade"	Dimensão "Fardos da Parentalidade"	Dimensão "Importância da Parentalidade"
N	Valid	145	145	145	145
	Missing	0	0	0	0
Mean		121,8069	64,8621	8,7448	48,2000
Std. Error of Mean		,89599	,42566	,22612	,48745
Median		124,0000	66,0000	9,0000	49,0000
Mode		126,00 ^a	68,00 ^a	8,00 ^a	53,00
Std. Deviation		10,78920	5,12567	2,72279	5,86965
Skewness		-1,197	-1,473	,055	-1,130
Std. Error of Skewness		,201	,201	,201	,201
Kurtosis		1,480	1,885	-,489	1,306
Std. Error of Kurtosis		,400	,400	,400	,400
Minimum		81,00	47,00	3,00	28,00
Maximum		139,00	70,00	14,00	56,00

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

Escala de Stress Parental

		Statistics				
		Valor total obtido – Grau de Stress Parental	Dimensão "Preocupações Parentais"	Dimensão "Satisfação Parental"	Dimensão "Falta de Controlo"	Dimensão "Medos e Angústias"
N	Valid	145	145	145	145	145
	Missing	0	0	0	0	0
Mean		31,3517	10,8966	6,3310	6,6276	7,4966
Std. Error of Mean		,53975	,30665	,14185	,14449	,16468
Median		31,0000	10,0000	6,0000	6,0000	8,0000
Mode		31,00	10,00	5,00	5,00	8,00
Std. Deviation		6,49950	3,69257	1,70805	1,73983	1,98300
Skewness		,261	,515	1,726	1,159	-,864
Std. Error of Skewness		,201	,201	,201	,201	,201
Kurtosis		-,425	-,161	3,024	,996	,207
Std. Error of Kurtosis		,400	,400	,400	,400	,400
Minimum		17,00	5,00	5,00	5,00	2,00
Maximum		48,00	22,00	13,00	13,00	10,00

Escala de Ajustamento Diádico**Statistics**

	Valor total obtido – Grau de Ajustamento Diádico	Dimensão "Consenso"	Dimensão "Satisfação"	Dimensão "Expressão de Afectos"	Dimensão "Coesão"
N Valid	145	145	145	145	145
Missing	0	0	0	0	0
Mean	118,3034	52,2138	40,8483	9,8483	15,3931
Std. Error of Mean	1,09852	,52734	,34287	,15516	,33652
Median	120,0000	52,0000	41,0000	10,0000	15,0000
Mode	107,00	52,00	43,00	10,00 ^a	11,00 ^a
Std. Deviation	13,22788	6,34996	4,12871	1,86834	4,05226
Skewness	-,547	-,481	-,930	-,813	,032
Std. Error of Skewness	,201	,201	,201	,201	,201
Kurtosis	,481	,002	1,797	,062	-,562
Std. Error of Kurtosis	,400	,400	,400	,400	,400
Minimum	68,00	31,00	24,00	4,00	5,00
Maximum	146,00	65,00	49,00	12,00	24,00

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

Anexo 16. Outputs da análise correlacional entre o envolvimento paterno e a satisfação parental, o stress parental e o ajustamento diádico

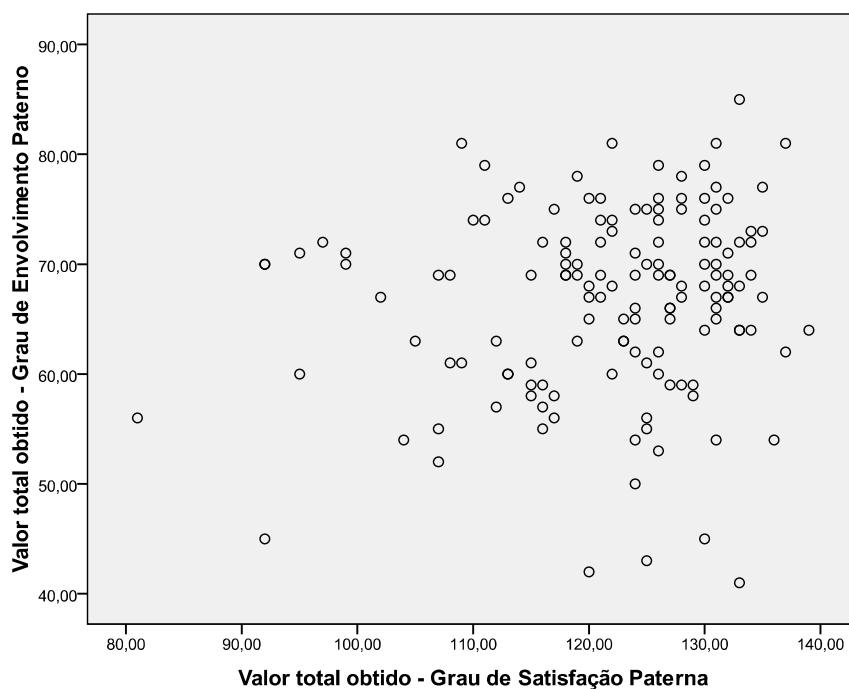
Envolvimento Paterno e Satisfação Parental

Descriptive Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	66,7448	8,44737	145
Valor total obtido – Grau de Satisfação Parental	121,8069	10,78920	145

Correlations

		Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	Valor total obtido – Grau de Satisfação Paterna
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	Pearson Correlation	1	,147
	Sig. (2-tailed)		,079
	N	145	145
Valor total obtido – Grau de Satisfação Paterna	Pearson Correlation	,147	1
	Sig. (2-tailed)	,079	
	N	145	145



Envolvimento Paterno e Stress Parental

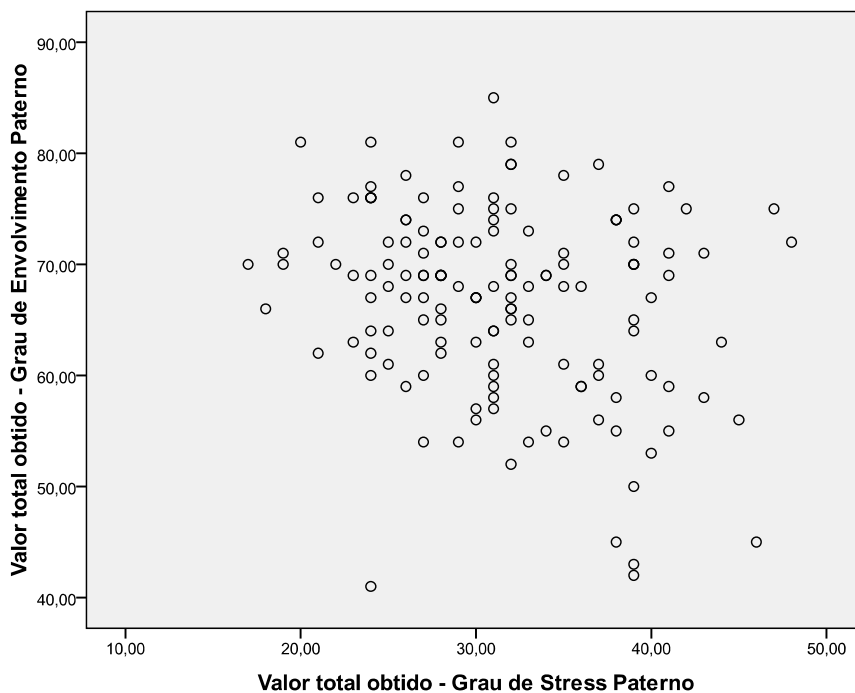
Descriptive Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	66,7448	8,44737	145
Valor total obtido – Grau de Stress Parental	31,3517	6,49950	145

Correlations

		Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	Valor total obtido – Grau de Stress Paterno
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	Pearson Correlation	1	-,242**
	Sig. (2-tailed)		,003
	N	145	145
Valor total obtido – Grau de Stress Parental	Pearson Correlation	-,242**	1
	Sig. (2-tailed)	,003	
	N	145	145

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).



Envolvimento Paterno e Ajustamento Diádico

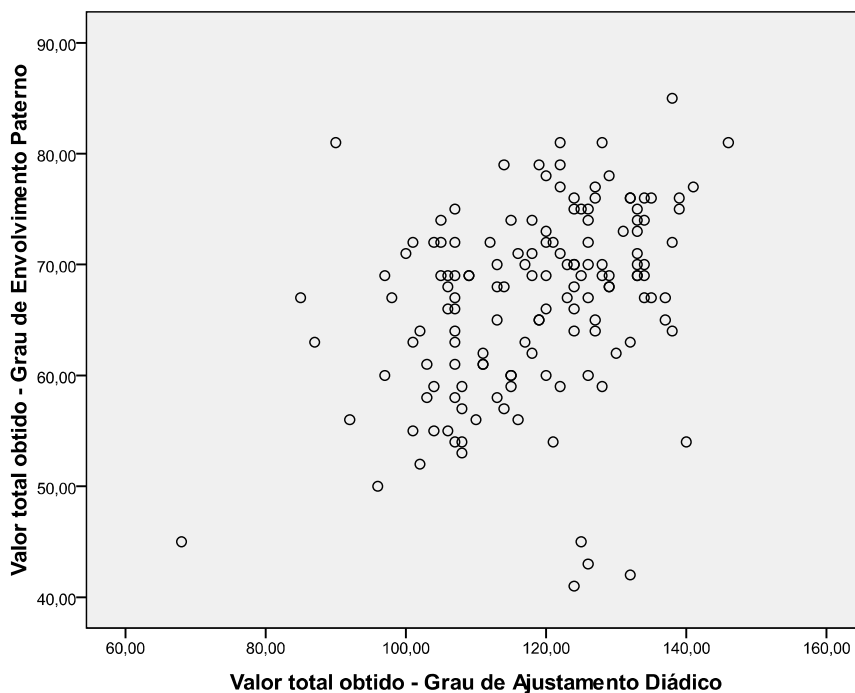
Descriptive Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	66,7448	8,44737	145
Valor total obtido – Grau de Ajustamento Diádico	118,3034	13,22788	145

Correlations

		Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	Valor total obtido – Grau de Ajustamento Diádico
Valor total obtido – Grau de Envolvimento Paterno	Pearson Correlation	1	,345**
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	145	145
Valor total obtido – Grau de Ajustamento Diádico	Pearson Correlation	,345**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	145	145

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).



ERROR: undefined
OFFENDING COMMAND:

STACK: